
Quando estas letras virem a luz teremos atravessado a barreira dos três zeros. Uma lâmina imperceptível que corta o tempo, gerando – como diria Winnicott – um novo “campo de ilusão” (ou de desilusão). Essa lâmina tão evanescente e efêmera que demanda de nós um esforço descomunal para se fazer notar.

Fogos de artifício como nunca vistos, viagens mirabolantes, iluminações fantásticas, foguetes e estrondos espetaculares, atravessar o equador, o meridiano de Greenwich talvez, ou melhor, o círculo polar ártico, programações com os astros mais fulgurantes, quem sabe iniciar um namoro no instante zero, ou simplesmente conseguir estourar a champanha no segundo exato. Isso sim, tudo no ponto exato da virada.

Trata-se, nada mais nada menos, de marcar esse momento crucial, mas desgraçadamente abstrato, de relançamento de todas as promessas. Mais ainda, trata-se de garantir aí uma torção do curso das coisas para nos assegurarmos de que advirá um novo saber. Um novo saber que permita, finalmente, que elas sejam cumpridas. Porém, ao mesmo tempo, precisamos atravessar essa lâmina, como se nada tivesse acontecido. Precisamente, para continuar sendo os mesmos. Porque, de que serviria que as antigas promessas se cumprissem, se já fôssemos outros? Somos nós mesmos que precisamos do cumprimento daquelas velhas promessas. Se passássemos a ser outros, elas não mais nos interessariam.

Trata-se, então, do paradoxo de garantir que tudo a nossa volta mude sem nós mesmos mudarmos absolutamente nada.

Inconscientemente, sabemos que isso é impossível. Mas recusamos esse saber porque aceitá-lo é demasiado doloroso. Então demandamos ao tempo um “passe de mágica”, uma dobradiça milagrosa. Eis que, na entrada do segundo milênio, toda superstição foi pouca.

Como nos tempos atuais, sorte, fama e fortuna se condensam como espetáculo, a delgada lâmina dos três zeros transformou-se numa imensa tela, onde os homens projetaram a mirabolante cabala de sua potência imaginária.

Do mesmo modo que, nas mais primitivas cerimônias se derrama água para atrair a chuva, ou sangue para convocar a vida, nossa civilização desdobrou todo seu esplendor para convocar novas luzes. Sonho coletivo de dominar o tempo com nossos significantes. Ficção de ajustar nas cifras a equivalência de um desejo: “Que os deuses do novo milênio – aqueles que ainda não sabemos quais serão – nos iluminem”.

JORNADA CLÍNICA SOBRE NEUROSE OBSESSIVA

Nos dias 19 e 20 do mês de novembro, estivemos reunidos para debater questões pertinentes à clínica da neurose obsessiva. Mais uma vez, a presença expressiva dos colegas demonstrou a importância do tema escolhido para nossa jornada clínica.

Sabemos que todo desenvolvimento da teoria psicanalítica encontra seus fundamentos a partir das interrogações que a prática clínica provoca, ou mais, convoca. Basta ler Freud para nos apercebermos disto.

As intervenções dos psicanalistas que se pronunciaram na jornada trataram de dar voz a essas interrogações, provenientes da atualidade de nossa prática – como, por exemplo, a constatação da maior incidência de mulheres obsessivas nos consultórios – e possibilitaram uma discussão profícua dos destinos possíveis de nosso trabalho.

Neste sentido, nos perguntamos: qual a direção do tratamento na neurose obsessiva? Qual a implicação do analista na condução de um percurso de análise? Quais os avanços teóricos que podemos articular para a clínica da neurose obsessiva? Quais as conseqüências e desdobramentos que as modificações do significante fálico, em nossa cultura, produzem para os sujeitos?

Como não poderia deixar de ser, a clínica da neurose obsessiva nos coloca frente a questões que não cessam, não cessam, não cessam de insistir.

Maria Lúcia Müller Stein

MULHERES ITALIANAS, IMIGRANTES

Na semana passada, 24 de novembro, tivemos o prazer de contar, no cartel do Congresso - 500 Anos, com a presença da Prof^a. Cleci Fávoro, da Unisinos, doutora em História e pesquisadora incansável na área da imigração italiana.

Como ela desejava que este encontro decorresse de uma maneira informal, deixou conduzir a sua narrativa ao sabor das perguntas do grupo, surgindo, assim, um clima descontraído que estendeu-se além do previsto.

A pergunta inicial, ou seja, o que a levava a pesquisar sobre a mulher imigrante italiana no RS, ela foi respondendo gradativamente, conforme o rumo que tomava, então, a discussão.

“A mulher italiana não existe, o que existe, sim, são *mulheres* (o grifo é meu) descendentes de italianos”, diz ela lacanianamente, sem nunca ter lido Lacan.

Já está na terceira pesquisa. Na primeira, sua tese de doutorado, foi em busca das raízes, e, para tanto, escolheu entrevistar mulheres mais velhas que oscilavam na faixa de idade entre 62 a 92 anos, além de pesquisar em jornais e fazer uma viagem à Itália, onde dialogou com mulheres idosas da região do norte, origem de muitos dos nossos imigrantes do sul, organizando, com o conjunto desse material, um arquivo de 4.400 fichas.

Nesse afã, onde chegou até a perder na Itália um capítulo inteiro de suas investigações, ela chega à constatação de que “essas mulheres não são só vítimas, mas também algozes”, porque elas jogam e disputam o poder usando o discurso do trabalho doméstico da casa onde elas se dedicam incessantemente, buscando dessa forma um reconhecimento.

Afinal, dentro de casa, quem manda é a *Mama*.

Não notou diferenças sensíveis entre as mulheres dos dois países. Traços de lá são observados aqui. Por exemplo, sobre o hábito da economia, o aproveitamento de todo o alimento, o “nada vai fora” é uma das características comuns ao nosso imigrante. Em função disso, conta que, estando entrevistando uma senhora chamada Ana Rech, na Itália, esta serviu às visitantes, que eram três: a pesquisadora, uma amiga e a filha, uma menina de seus seis anos, uma fatia de bolo. A menina comeu uma parte e deixou o resto no prato. A sra. começou a ficar inquieta, movimentando sua atenção a olhar o prato. Por fim, não se contendo, pergunta à criança se esta ainda queria servir-se, e, ante a negativa, pega o pedaço da sobra e come-o diante das visitas...

Ao finalizar a tese, restam muitas questões. Uma delas é uma frase: *Enloqueceu de tanto trabalho!*. Resolve ir atrás dessa “loucura” dirigindo-se aos prontuários, do Hospital (Hospício) São Pedro, correspondentes ao período de 1875 a 1950, os quais estavam conservados no Arquivo Público. É interessante dizer que ali se encontram cerca de 490.000 documentos, os quais, ao contar as histórias singulares dos pacientes internados, narram, ao mesmo tempo, a história do Rio Grande do Sul. É o início da segunda pesquisa.

Sua pergunta seguiria o rastro dos motivos que teriam levado a imigrante à internação. A maioria era proveniente do meio rural, organizado por uma disciplina que estava fora dos parâmetros capitalistas que surgiam. “Disciplinar, é preciso trabalhar”. Assim os fatos sociais influíam nos aumentos de internações, como foi o caso da segunda guerra mundial. Mas, por outro lado, não eram raros os casos que apareciam em que o marido conseguia “colocar” sua mulher no hospício, para refazer sua vida com outra.

Essa investigação ainda está em andamento porém, ao mesmo tempo, está sendo organizado um banco de dados que estará disponível a todos os interessados de outras áreas profissionais.

Cleci pede para falar no seu terceiro projeto, anda às voltas com panos e tecidos, diz ela. Vejam que interessante, ela se refere àqueles panos bordados com dizeres, com frases, provérbios, que nossas avós – quem não teve uma? – costumavam colocar na parede atrás do fogão. Era uma das formas que elas tinham de disciplinar a sua família, como se fosse um mandamento. Está, atualmente, com mais de cem panos originais, onde verifica que eles vão evoluindo conforme vai passando o tempo.

Relata que, inicialmente, as meninas começavam muito cedo o seu enxoval, lá pelos oito ou nove anos, em razão das poucas posses da família. Para tanto, elas criavam galinhas e, com a venda dos ovos, iam juntando seus tostões. Por isso é que, a princípio – seu original mais antigo é de 1912 –, os panos são feitos de saquinho com franjas do próprio tecido, com linhas de poucas cores e de menor qualidade. Com o passar do tempo, o material vai-se aprimorando, até chegar à seda, onde se verifica, inclusive, a mudan-

ça de lugar , isto é, para trás da parede do rádio, demonstrando ,dessa forma, a evolução do poder financeiro da família.

E por aí vai...

Ainda com relação à pesquisa no H.S.Pedro há dois dados que eu gostaria de assinalar (1930-40). O primeiro se refere aos negros - foram encontrados muito poucos internados. Mas isso é fácil de explicar, pois o negro, por seu lugar social sendo sempre considerado um suspeito, por qualquer ação que ultrapassasse o costumeiro, era encaminhado à delegacia de polícia e dali para o Manicômio Judiciário (IPF). Ao contrário, se fosse encaminhado através de algum estabelecimento da saúde, chegaria ao H.S.Pedro.

O segundo ponto é relativo à quantidade de internações de homens e de mulheres. A pesquisa mostra que o número de homens vai aumentando na medida em que o das mulheres vai diminuindo, pressupondo os começos dos deslocamentos destas, antes exclusivo no lar, para outras áreas profissionais.

Tivemos um trabalho produtivo, ao mesmo tempo leve, que apresentou um vasto campo de investigação múltiplo e complexo, o qual é posto, pela autora, à disposição das outras áreas e, especialmente, será muito útil aos psicanalistas, que poderão recebê-los via internet, dentro de pouco tempo. Seu endereço: cleci @ poa. unisinos. br

Maria Auxiliadora P. Sudbrack

CARTEL A ÉTICA PSICANALÍTICA NAS INSTITUIÇÕES

Hoje em dia, é cada vez mais usual encontrarmos psicanalistas inseridos nas mais diversas instituições da cultura: universidades, hospitais, escolas, clínicas interdisciplinares, etc.

Por outro lado, sabemos das adversidades e resistências que a psicanálise desperta em meios culturais tão plurais. Deparamo-nos cotidianamente com os limites e impossibilidades impostos pelo contexto institucional ao exercício da prática psicanalítica.

Por que, então, persistimos?

Certamente, não é por alguma espécie de teimosia, intrínseca à natureza do psicanalista.

Vemos, a cada novo projeto de trabalho, renovada a aposta na possibilidade de um trabalho orientado pela ética psicanalítica. A mesma aposta que sustenta nosso trabalho quando, por exemplo, encarregamo-nos, na nossa clínica, de uma criança portadora de um grave transtorno do desenvolvimento: a de que, apesar das aparências, há ali um sujeito.

Neste sentido, a prática da psicanálise nas instituições nada teria de profana ou impura em relação àquela praticada no consultório.

Talvez esteja justamente na aposta esse algo intrínseco, não à natureza, mas à formação do psicanalista: o compromisso em apostar (sustentar) na ética psicanalítica.

Esse é o argumento que nos reúne para fundarmos o cartel *A ética psicanalítica nas instituições*.

Neste momento, o cartel encontra-se aberto aos colegas que se sentirem convocados em percorrer este tema e compartilhar suas experiências. Na primeira reunião, tratar-se-á da definição de textos e horário das reuniões, para o qual é imprescindível a presença de todos os interessados.

Data da 1ª reunião: 10 de janeiro

Horário: 21h

Integrantes: Ângela Lângaro Becker, Clarice Trombka, Graziela Kraemer, Liz Nunes Ramos, Maria Cristina Solé e Valéria Rilho.

Valéria Rilho (pelo Cartel)

IMIGRAÇÕES E FUNDAÇÕES

A Comissão de Aperiódicos e o Cartel Brasil 500 anos, preparam a publicação do livro sobre "Imigração e Fundações", com projeto de lançamento para agosto de 2000.

Este ano, partindo das indicações editorial da Correio da APPOA, n. 71, "500 anos, re-inventando um Brasil", sobre as formas de trabalho em

nossa Instituição que: “formam parte dessa ‘usina’ de reflexão crítica, transformação da clínica e torsão necessária do discurso social, que a produção freudiano-laciana tem sustentado nessa segunda metade do século” ; tomamos a iniciativa de relançar o projeto.

Lembramos que a discussão sobre o tema teve um de seus momentos importantes na Jornada da APPOA de mesmo nome, em 1995. Essa discussão continua produzindo efeitos em diversos segmentos e atualiza-se como um dos eixos do Congresso do próximo ano, que toca nas questões da história, do mito, do recalçamento e da importância da língua.

A este respeito, Ana Maria da Costa, em texto ainda inédito, faz considerações sobre o interesse da psicanálise na história, tanto em Freud quanto em Lacan. Ela afirma: “Um cruzamento possível entre esse dois campos pode ser situado no recalçamento. Para a psicanálise, uma história sempre trás consigo os efeitos de uma filiação. Assim, o que a história nos confia é a incidência dos efeitos de sintoma que o trabalho de recalçamento produz. Incide sobre um particular cruzamento do individual com o coletivo. Esses dois lugares, que normalmente são considerados como contrapostos ou separados, desde Freud são propostos como contendo o mesmo sujeito.”

A construção do mito é um conceito caro para os psicanalistas, que o encontram em sua prática cotidiana. Os textos clássicos da psicanálise estão permeados pelas questões da origem, identificação e fundação simbólica que a subjetividade constrói e a estruturação psíquica e a própria patologia retroalimentam.

A proposta desse livro, preparatório do Congresso da APPOA, é o cruzamento entre essa concepção de história e a psicanálise em intensão e extensão. Solicitamos que os colegas encaminhem seus trabalhos para a Comissão de Aperiódicos até o final de março/2000, para ampliarmos e publicarmos essa discussão na qual é retomada a polêmica postulação laciana de que “o inconsciente é o social”.

Comissão de Aperiódicos e
Cartel do Congresso/2000.

JORNADA DE ABERTURA

Embora as atividades de ensino da APPOA sejam retomadas em março, nossa Jornada de Abertura do novo ano está programada para o dia 08 de abril e tem como tema “A Clínica Psicanalítica”.

Os 100 anos da publicação de “A interpretação dos sonhos” nos inspira e nos faz pensar nos desafios que a prática clínica nos oferece hoje, neste século marcado pela Psicanálise, apesar das diferentes resistências que convoca seu revolucionário legado.

Freud pagou com solidão e isolamento os primeiros anos de seu descobrimento. Preço cobrado pela ousada ruptura com o saber e a ciência de seu tempo.

Certamente, foram as questões que sua prática clínica produzia (embora pequena ainda nessa época, segundo queixa dele a Fliess), que o animaram a prosseguir.

É a clínica que nos interroga e nos orienta (e, às vezes, desorienta) e, por isso, parece-nos importante dedicarmos esta Jornada de Abertura às novas questões que surgem com o novo milênio.

As inscrições estarão abertas a partir do início do mês de março, na secretaria da APPOA.

EXERCÍCIOS CLÍNICOS

Ocorreu no dia 04 de dezembro último mais uma edição dos exercícios clínicos, desta vez a cargo de Valéria Rilho, que endereçou suas questões sobre a transferência na clínica institucional a Ana Maria da Costa e Liz Nunes Ramos, contando também com a presença no debate, de um público numeroso.

A questão propunha indagações acerca de como a transferência de um analista com a instituição, onde inscreve uma prática clínica, vem interferir na relação transferencial analista-analisante.

Quem é o sujeito da transferência? Quais os efeitos dos dispositivos (burocráticos ou não) da instituição nessa relação? Quais os movimentos da demanda e do desejo nesses casos? E muitas outras perguntas...

Ana Maria da Costa salientou o fato de que essa relação está inserida num contexto de laços e que os dispositivos, de certa forma, sempre falham, não deixando por isso de ser possível produzir intervenções aí, uma vez que se ultrapasse posições vitimizadas.

Liz Ramos indaga sobre as condições para a instalação da neurose de transferência, principalmente quanto à queda da idealização do lado do analista e do fascínio que as regras produzem num engano sobre a lei que se trata de indagar na análise, evitando a colocação em causa das impossibilidades dadas pela castração e a indagação sobre o desejo.

No debate emergiram muitas contribuições derivadas de experiências diversas, salientando-se o fato de que não existe A Instituição, senão os laços que seus membros partilham, avançando o trabalho quando há espaços para questionamento da prática que ali se opera.

BIBLIOTECA

Informamos os principais itens do regulamento da Biblioteca e alguns reajustes do funcionamento da mesma.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

O horário de funcionamento da Biblioteca será segundas e quartas-feiras das 19h às 20h30min. Fora desse horário os associados poderão consultar uma listagem dos livros, disponível na Secretaria.

Obs: Não será permitido a entrada e permanência na Biblioteca fora do horário de funcionamento.

EMPRÉSTIMO DO MATERIAL AOS USUÁRIOS

O material pertencente ao acervo poderá ser emprestado para uso

domiciliar aos associados da APPOA e também aos participantes das atividades de ensino que estejam associados à Biblioteca. Exceção para obras de referência (dicionários, obras completas de Freud, etc.)

Associados da APPOA estão automaticamente inscritos na Biblioteca. Participantes das atividades de ensino pagarão uma taxa de inscrição de cinco reais por semestre.

Todos os usuários sem vínculo com a instituição terão direito somente à consulta local (podendo utilizar o serviço de fotocópias da APPOA).

Obs.: Sócios, que ao final de cada semestre estiverem em débito com a Biblioteca, não poderão utilizar o acervo.

COMO SOLICITAR O MATERIAL:

1º) o usuário poderá dirigir-se à Biblioteca no horário de funcionamento;
2º) ou solicitar o material com a Secretaria, a qual encaminhará o pedido à Biblioteca:

- o material estará na secretaria no dia posterior ao expediente do Bibliotecário (segundas e quartas-feiras);
- caso o material não estiver disponível, o Bibliotecário entrará em contato com o usuário para oferecer uma possibilidade de reserva.

PRAZOS DE EMPRÉSTIMO

O prazo de empréstimo é de sete dias, podendo ser renovado por período idêntico, desde que o material não esteja sendo solicitado, até perfazer um mês, sendo que após quatro renovações deve retornar para a Biblioteca.

I – A renovação pode ser feita por telefone, preferencialmente com o Bibliotecário.

II – Cada associado poderá retirar três obras.

III – Durante o mês de fevereiro, o prazo de empréstimo será de trinta dias.

O não cumprimento dos prazos de empréstimo por parte dos usuários inscritos na biblioteca implicará:

I - Pagamento de uma taxa no valor de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) por dia

na primeira semana e R\$ 1,00 (um real) a partir da segunda semana.

Obs.: A taxa deverá ser paga por cada material emprestado.

O regulamento completo da Biblioteca será entregue aos associados da APPOA e/ou no momento de cada inscrição.

Informamos, a seguir, os últimos livros doados para a Biblioteca. Em função da mudança da instituição e na secretaria não obtivemos os nomes de todos os doadores. Assim, optamos por informar apenas os nomes dos livros. Desculpamo-nos pelo fato e agradecemos a todos a colaboração.

NOVAS PUBLICAÇÕES INCORPORADAS AO ACERVO DA BIBLIOTECA DA APPOA - SETEMBRO À NOVEMBRO DE 1999

LIVROS

- A *ANGÚSTIA : reflexões*. Recife : Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1999. 195p.
- BLUM, Vera Lúcia. *O estatuto das entidades metapsicológicas à luz da teoria kantiana das idéias*. Campinas : UNICAMP, 1998. 154p. (Coleção Cle, 24)
- BURSZTEIN, Jean-Gérard. *Hittler, a tirania e a psicanálise : ensaio sobre a destruição da civilização*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1998. 94p.
- CHATEL, Marie-Magdeleine. *Mal-estar na procriação : as mulheres e a medicina da reprodução*. Rio de Janeiro : Campo Matêmico, 1995. 143p.
- COSTA, Ana Maria Medeiros da. *A ficção do si mesmo : interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1998. 134p.
- DOLTO, Françoise. *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro : Zahar, 1996. 153p.
- FÉDIDA, Pierre. *Depressão*. São Paulo : Escuta, 1999. 122p.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo : Escuta, 1999. 208p.
- Freud, Sigmund. *Psicologia de las masas*. - 3.ed. - Madrid : Alianza Editorial, 1972. 207p.

- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo : Cia das Letras, 1995. 220p.
- HUGHES, Judith M. *Reformulando o território psicanalítico : o trabalho de Melaine Klein, E.R.D Fairbairn e D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro : Revinter, 1998. 224p.
- LACÔTE, Christiane. *L'inconscient : un exposé pour comprendre, un essai pour réfléchir*. Paris : Dominos Flammarion, 1998. 127p.
- LITTORAL : *a criança e o psicanalista*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1998. 80p.
- LOSS, Luciane da Luz. *O risco familiar de câncer de mama : a psicanálise diante da pesquisa genética*. Porto Alegre : PUC, 1998. 148p. (Dissertação de Mestrado)
- PEREIRA, Mario Eduardo Costa. *Pânico e desamparo : um estudo psicanalítico*. São Paulo : Escuta, 1999. 394p.
- Prefeitura Municipal de Porto Alegre. SMC. *Guia de produção intelectual : catálogo de palestras e cursos*. Porto Alegre : SMC, 1992. 167p.
- SANTESTEBAN, Olga M. De. *El enigma de la femineidad*. Talcahuano : Ediciones Semblant, 1998?. 157p.
- USP. Instituto de Estudos Brasileiros. *Cidades brasileiras II : políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo : USP/IEB, 1999. 158p.

PERIÓDICOS

- Agenda Imago, n.27, 29 e 31, 1999.
- Ágora : estudos em teoria psicanalítica, v.1, n.1, 1998, v.2, n.1, 1999.
- Bulletin de l'Association Freudienne Internationale, n.81, 1999.
- Cadernos FreudLacanianos, n.1,2.
- Coletânea Cultura e Saber, v2, n2, 1998.
- CRP7 Notícias, n.28, 1999.
- La Mosca - Boletín de la Biblioteca Oscar Masotta de la Escuela Freudiana de la Argentina, n.2, 1999.
- Letras de Hoje, v.34, n.2, 1999.
- Pulsional : revista de psicanálise, v.12, n.118/125, 1999.

Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba, v.1, n.1, 1997, v.3, n.3, 1999.
 Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v.1, n.2, 1998, v.2,
 n.2,3, 1999.
 Sobreviventes de las Crisis, v.2, n.21, 1999.

Comissão da Biblioteca

CORREIO DA APPOA 2000

O Correio da APPOA caracteriza-se por ser um registro mensal das atividades desenvolvidas, dos temas trabalhados e dos textos produzidos em nossa instituição, o que, de certa forma, coloca a implicação direta dos associados.

Já estão programadas as Seções Temáticas dos próximos números e sua divulgação tem a finalidade de convocar a participação de todos na apresentação de textos.

Estamos, também, solicitando sugestões de temas para completarmos o nosso planejamento anual.

Lembramos, ainda, que a Seção Debates é um espaço que possibilita a publicação de temas livres.

SEÇÕES TEMÁTICAS DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES DO CORREIO

MARÇO/2000

A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Responsável - Francisco Settineri

A Jornada de Abertura da Associação Psicanalítica de Porto Alegre terá como tema "A Clínica Psicanalítica". Os 100 anos da publicação de "A interpretação dos sonhos" nos inspira a pensar nos desafios que a prática psicanalítica hoje nos oferece, e ao mesmo tempo retomar e afirmar, mais uma vez, sua dimensão inaugural, como clínica do significante.

PRAZO PARA ENTREGA DE TEXTOS: 15 de janeiro

ABRIL/2000

PSICANÁLISE E ESTÉTICA

Responsáveis - Edson de Sousa e Gerson Pinho

Freud e Lacan sempre procuraram fazer dialogar as produções artísticas com a teoria psicanalítica. Esta busca de um diálogo de formas sempre se revelou promissora. Que intersecções poderíamos pensar entre o ato criativo e o ato analítico?

PRAZO PARA ENTREGA DE TEXTOS: 20 de janeiro

MAIO/2000

"MOISÉS E O MONOTEÍSMO"

Responsáveis - Maria Lúcia M. Stein e Marcia Ribeiro

O encontro "Relendo Freud e conversando sobre a APPOA" tomará, como texto de trabalho, "Moisés e o monoteísmo". Preparando a discussão para este evento, a sessão temática de maio trabalhará questões em torno deste tema.

PRAZO PARA ENTREGA DE TEXTOS: 30 de março

CONGRESSO 500 ANOS

CONFIRMADO:

De 26 a 31 de outubro/2000, nas dependências do Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, a APPOA estará realizando seu próximo Congresso.

O Cartel Preparatório tem reunião de trabalho marcada para o próximo dia 12 de janeiro, às 20h e 30min.

Os encontros estão abertos aos que desejem se engajar no projeto.

MUDANÇA DE ENDEREÇO

Ângela Becker informa seu novo e-mail: angelalb@rcon.com.br

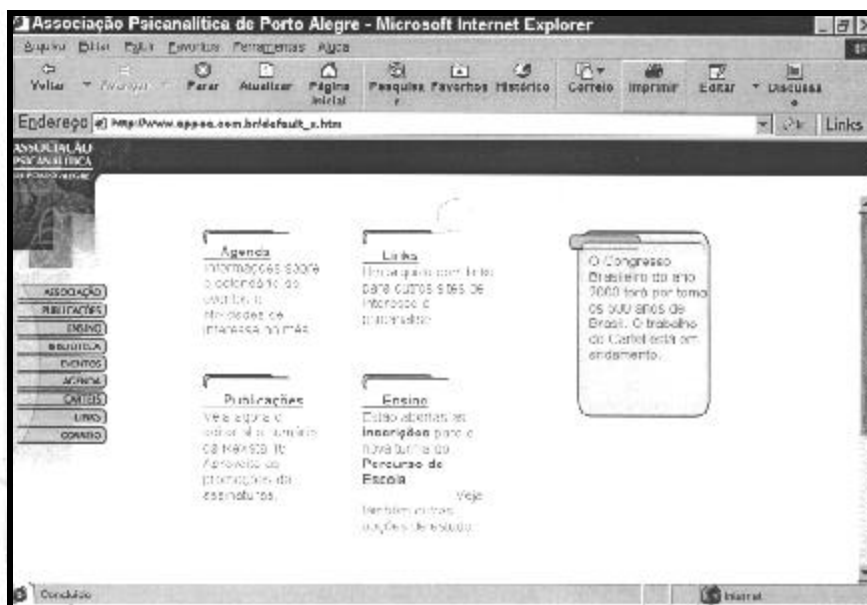
HOME PAGE

Através da Home Page, a APPOA passou a utilizar-se de mais uma via de comunicação, desta vez abarcando os modernos padrões da tecnologia.

Esta forma de divulgação ultrapassa, assim, aqueles que poderiam ser os limites de acesso geográfico direto e de relações próximas e possibilita que nossa instituição seja apresentada a um número maior ainda de pessoas, bem como permite uma ampla circulação de nossa produção.

É atentos para a importância disso que solicitamos a contribuição de todos com sugestões e, aqueles que se sentirem comprometidos com essa atividade, convidamos a vir colaborar com a Comissão da Home Page.

Reproduzimos, abaixo, a página de acesso principal ao nosso site, e estaremos noticiando no Correio da APPOA, com regularidade, as novidades que forem sendo introduzidas.



Em umas de suas crônicas, Luís Fernando Veríssimo comenta que toda esta “onda” sobre a virada do milênio é muito mais “onda” do que realidade e que o primeiro dia do ano 2000 será apenas mais um dia depois do outro. Em parte é verdade. Cada manhã, quando nos olhamos no espelho, nos consideramos igualzinhos a ontem, “não mudou nada” nos dizemos, procurando nos certificar de que continuamos sendo os mesmos. As mudanças vistas desde o cotidiano são menos perceptíveis, e assim tratamos de garantir a sensação de certa continuidade no tempo, ignorando as marcas que surpreendentemente irrompem no corpo – próprio e dos outros - ou mesmo no espaço urbano.

Apesar das controvérsias a respeito do início do século XXI, os fins de semana, de mês, década, século, 500 anos e ainda mais o fim do milênio são um convite a fazer balanços, destaques e arriscar previsões. O século XX é aquele em que assistimos as maiores, mais rápidas e radicais transformações da cultura na história da humanidade. A desmontagem das tradições que organizaram durante séculos a sociedade já está bem adiantada. E temos, no lugar daquelas, muitas incertezas. Fim das utopias, perda dos ideais, melancolia e depressão na cultura contemporânea.

O grande Outro já não é mais o mesmo. Está cada vez mais fragmentado, cada um considerando ter o Seu, mergulhando o sujeito na maior solidão. Chega ao ponto em que o indivíduo não tem mais em quem se espelhar, não há um semelhante em quem se reconhecer. As respostas tradicionais que o saber patriarcal permitia dar ao Che vuoi? (O que me queres?) dirigido ao Outro perderam a validade. A demanda do Outro resta por demais indeterminada, e “o mal-estar na civilização”, segue determinando a vida dos sujeitos, como a nos lembrar a atualidade de S. Freud.

Muda o Outro, mudam os sintomas. Muda também – é preciso – a posição de escuta e as modalidades de intervenção do psicanalista como efeito do discurso do psicanalista, se é para não perdermos a eficácia simbólica do ato analítico.

Os artigos que compõem a seção temática do primeiro número do ano 2000 abordam alguns aspectos destas questões. Sem dúvida, o novo milênio nos lança grandes desafios. Boa leitura. Boa sorte também.

Jaime Alberto Betts e
Robson de Freitas Pereira

INVENTÁRIO DE SINTOMAS PARA INICIAR O NOVO MILÊNIO

Alfredo Jerusalinsky

“Por isso, oculto ao homem é o conceito de sua consciência primeira, e do apelo do primeiro querer a que é sujeito; ...”
(Dante Alighieri, *A Divina Comédia*)¹

Um século de psicanálise tem sido suficiente para testemunhar em que os sintomas mudam e o que deles permanece. Que a psicanálise constituiu um método para registrar e decifrar rigorosamente os sintomas psíquicos está, nessas alturas do desenvolvimento científico, totalmente fora de questão. Ao menos para aqueles que se dão ao trabalho de basear seus julgamentos sobre conhecimentos bem fundados e num estudo sério da matéria a considerar: os princípios e a lógica intrínseca aos processos mentais dos humanos. Também podemos considerar verificada a hipótese freudiano-lacanianiana de que o Inconsciente é uma consequência direta da dependência do humano à linguagem. Sendo, então, essa a razão de o Inconsciente estar estruturado como esta última.

A proposta americana de reduzir o mental a um esférico objeto positivo, de constituição meramente consciente e de domínio puramente cognitivo, tem caminhado de fracasso em fracasso, em suas tentativas de estabelecer uma leitura da realidade social e individual. De fato, seu próprio presidente tem-se encarregado de desmentir tais pretensões com seus maravilhosos (devemos reconhecer-lhe nisso seu mérito) *acting-out* no seu comportamento sexual, e o seu sistema jurídico não cessa de enveredar pelas tramitações inconscientes do que ele, inevitavelmente, se vê chamado a julgar: a responsabilidade do sujeito de desejo, desde os atos falhos até as passagens ao ato.

¹ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Purgatório*. São Paulo: Editora 34, 1998. (Canto XVIII, estr. 55). Dante Alighieri (1265-1321).

São estes alguns dos motivos pelos quais, nas diferentes listagens da centena de homens que forjaram as bases de nosso século XX, e, em alguns casos, nas enumerações referidas ao segundo milênio, Sigmund Freud figura sempre entre os dez primeiros lembrados.

Eis aqui, precisamente nesse ponto, onde podemos situar o primeiro sintoma com que se abre o novo milênio. A resistência à psicanálise, ou, melhor, ao inconsciente. Desesperada resistência, para restabelecer o domínio de si mesmo em que o homem se empenha.

Nascido – o Inconsciente – como o remanescente traumático de um desajuste moral entre um julgamento consciente e um ato impulsivo, acabou – por mérito de Freud – se revelando como uma formação universal, consequência mesma do fato do humano ser falante. Fantasiado, no início, de resíduo animalesco na espécie humana (a primeira teoria dos instintos), demonstrou-se mais tarde precisamente como o contrário de qualquer animalidade: uma extensão infundável da fantasia – que só o significante permite – numa articulação de lógica opositiva entre a linguagem e qualquer resto natural. Por isso, o orgânico funciona, na espécie humana, muito mais como um real (limite ao significante) do que como um mecanismo biológico autônomo. É necessário, nesse viés, levarmos em conta que a complexidade dos processos adaptativos de nossa espécie acaba de vez com qualquer resíduo passivo (seja darwiniano ou lamarckiano) introduzindo a violência da cultura. Ponto de oposição que a própria psicanálise colabora em reconhecer como violência, à medida que a ordem significante que governa o humano leva tão longe as coisas que chega a colocar em perigo até as condições mínimas do natural indispensável para sua sobrevivência.

Vemos, então, o sujeito do inconsciente – acostumado, como está, a lidar com a instância do Outro enquanto abstrato e incontável (numericamente inexistente) – fazer recusa da superlotação do planeta que habita, como uma ameaça mortal contra sua própria obra. Emergem, como era inevitável, as formações sintomáticas que tentam manter a ardente angústia da sobrevivência dentro dos limites de uma simples urticária, apelando para isso a uma banalização da morte, a práticas genocidas quotidianas, contemplando guerras e extermínios como simples acidentes panorâmicos, ou seja, como se fossem totalmente alheios.

A exigência que a globalização impõe de compatibilizar muito diferentes sistemas simbólicos, somada aos efeitos imaginários de superlotação, coloca a articulação entre o sujeito e o discurso numa posição paranóica. Sobreviventes, exterminadores, extermináveis e administradores se revezam na condução do discurso social, todos eles tentando escapar do gozo do Outro. Todos tentando recapturar os atos persecutórios dentro de algum discurso místico-delirante, dentro de algum delírio “científico”, ou então – num esforço extremo de racionalização – restabelecer *a ordem por meio de um apelo obsessivo à lei*. Como sempre que a lei simbólica fracassa, a lei jurídica restabelece a ordem recortando o real em novos pedaços. Assim, se a globalização não consegue garantir a coexistência simbólica, ao menos instala uma polícia universal. Embora já possamos notar que fica cada vez mais difícil saber quais são “os do bem” e quais são “os dos mal”.

Assim como Karl Marx, apesar de seu genial deciframento dos mecanismos e sintomas do capitalismo, não conseguiu antever a concentração de seu poder no capital financeiro, possivelmente Jacques Lacan – apesar de toda a sua genialidade que, na década de 50, antecipa o declínio da função paterna – não conseguiu extrair de sua cirúrgica leitura do discurso todas as consequências desse cataclismo simbólico. Com efeito, o discurso parece estar se refazendo jogando um novo quebra-cabeças significante sobre uma gigantesca tela imaginária. Paga para isso – ao menos até o momento – a obediência a novos rituais, surge uma nova mística universal: a mística do espetáculo. Os indivíduos se comportam como se, para existir, precisassem muito mais estarem representados na tela do que trabalhar. Ocorre que, efetivamente, trabalhar já não garante quase nada.

Como Lacan podia prever que tal declínio ia conduzir o discurso para uma lógica esférica fazendo, então, resistência à reprodução de seu conflito neurótico e empurrando, portanto, para sua resolução em ato? Uma lógica – a atual – onde sujeitos não equivalentes ficam representados (essa é a esfericidade fundamental da globalização), como se o fossem. Ficam assim expostos à arbitrariedade daqueles que governam as regras da representação de cada um no discurso em termos de valor. Se os nomes – seja John, Brezneva, Salim, Jacô, Hi-Do, Mishima, Ioruba ou Ban-Gue-lê – parecem pertencer todos ao mesmo sistema sintagmático (a regra interpretativa se

propõe a mesma – em nome de uma pretensa traduzibilidade universal), se abre ali uma semiótica enganosa: o referente de valor de cada um não é o mesmo, por isso não todos são iguais já que tem uns que representam o que foi tomado como significante mestre para constituir esse todo.²

A denegação das diferenças simbólicas e sua capenga substituição por diferenças imaginárias, operação que costuma terminar em efeitos dantescos (a comédia da vida não é tão divina assim), tiveram no último meio século algumas conseqüências surpreendentes. Uma conseqüência precursora – nesse século que acaba de terminar – foi a decadência do patriarcado e a emergência do feminismo. Com efeito, pode-se verificar hoje o pouco que resta da simbolização do falo no pênis. E como os homens se debatem como almas errantes, sem atinar a estabelecer uma nova âncora para seus corpos. Enquanto as mulheres desfrutam da efêmera euforia de acreditar que, por fim, conseguiram a reivindicação universal de soltar o falo do corpo do homem e que, agora, ele pode ser encontrado em qualquer lugar. Uns e outros estão – com a inestimável ajuda das macrópolis – pagando por essa ilusão de liberdade o cruel preço da solidão.

Colabora nisso aquela porção da ciência que, empenhada em construir uma tecnologia a serviço do prazer, gera a esperança de conseguir preencher a lugar da falta sem ter que passar pelo incerto caminho do Outro. Todo mundo é colocado, então, a caminhar por essa esteira rolante, que economiza o risco do passo próprio, e que conduz, segundo prometem as telas da técnica, aos objetos melhor dotados para sarar qualquer buraco.

Em fim, novos laços de parentesco que ainda nem nome tem, conjugações amorosas e eróticas que tentam articular tangência com permanência, amores virtuais, correspondências sem destino certo (como as garrafinhas no mar mas, agora, com leitores anônimos garantidos), declínio do valor simbólico do trabalho, novas fronteiras para o *unheimlich*. Talvez, até novos deuses.

Ora, certamente a psicanálise tem uma dura tarefa pela frente...

²É quase desnecessário explicitar aqui que esse significante mestre, hoje em dia, tem um nome universal: chama-se dólar estadunidense. É polêmica comum, em qualquer nação periférica se é válida ou não a "dolarização". Até mesmo a moeda do MCE esteve a ponto de se chamar "Eurodólar", para, finalmente, escolher, obviamente por oposição, Euro.

ORA DIREIS OUVIR OS SONHOS...

Mário Corso

Em inglês há uma expressão honrosa mas nem tanto para certos livros. Trata-se dos GUBs (Great Unread Books, grandes livros não lidos), ficam assim classificados os livros dos quais ninguém duvida de sua importância, que são marcos da literatura, mas que muito poucos realmente lêem. Traduz a idéia de um reinado quase sem súditos. Assim certamente podemos classificar *Ulisses* de Joyce, que não falta em nenhuma biblioteca, ou ainda *Em busca do tempo perdido* de Proust. Estamos certos de que são obras-primas, estamos certos de que sua leitura nos daria um deleite ou, ainda mais, nos alteraria, porém seu destino é mais o pó, as traças e serem o mote de cadernos de cultura que tampouco são lidos. E a Psicanálise tem o seu GUB? Acredito que mais de um, mas o primeiro lugar cabe à *Interpretação dos sonhos*. Como tenho muito apreço por esta obra acabei colecionando, ao longo dos anos, lembranças de comentários elogiosos de quem não o tinha lido ou então de quem fez uma leitura de um ou dois capítulos. Se os meus pares que não o leram são, em sua maioria, influenciados pelo ensino de Lacan, fico só projetando como fica para os que não tem essa trajetória. Afinal, é graças à ênfase que Lacan dá, logo no início de sua obra, à necessidade de um retorno ao texto de Freud e de uma valorização da clínica do significante, que essa e outras obras são hoje valorizadas. Em resumo: não vamos encontrar um só analista que não diga que temos na *Traumdeutung* a grande obra inaugural da psicanálise, mas infelizmente tanta fama não lhe reverte proporcionalmente em leitores. Que seja uma obra ignorada pela comunidade acadêmica e pelo discurso científico a gente entende, afinal, ela é o avesso do bom senso. Foi e continua sendo um escândalo basear-se em algo tão volátil para buscar indícios de um outro sujeito. Se temos algum sucesso é mais pela intuição do leigo de que ali há algo, que só em falar de nossos sonhos já estamos tocando em algo diferente e que ele sabe que lhe diz respeito, mas não sabe como.

Não é um livro fácil e não sei se é um livro para todos. Explico-me: julgo que a resistência ao livro vem pelo estilo de clínica que é implementada. Acredito que a grande contribuição da *Interpretação dos sonhos* é este estilo de intervenção. Não é difícil desdobrar desses inúmeros relatos de sonhos num *savoir faire* clínico. Uma compreensão que o afazer do psicanalista está na sutileza da escuta do significante, está na dureza das letras, está em rastrear as poucas pistas que o inconsciente nos deixa. Quem nunca interpretou um sonho seu, quem não lembra deles, quem não consegue se conectar com o seu material onírico não vai se conectar com o livro.

Creio ser o melhor texto para descobrir como Freud trabalhava. Mais do que nos casos clínicos exaustivamente relatados é na *Interpretação dos Sonhos* que temos uma imensidão de detalhes de como as costuras de sentido iam sendo perseguidas, de como Freud desdobrava as fibras do tecido significante. Aliás, é um analista bem intervencionista que ali se revela, há um papel ativo na desconstrução do sonho. Não foi muito trabalhoso transformar os *Três ensaios* em uma leitura desenvolvimentista da psicanálise, nada impossível servir-se do Ego e o Id para uma engenharia racionalista da subjetividade, e de ambos como lastro para uma visão esquemática e prática do afazer psicoterapêutico em que a psicanálise se transformou durante décadas. Dentro dessa abordagem, digamos pragmática, da psicanálise, sonhos eram trabalhados, sim, por praxe que fosse, mas tomados em um grande contexto imaginário onde assim como os pobres atos falhos, precipitavam verdadeiros delírios paranóicos de auto-referência nos psicanalistas habituados a trabalhar numa dimensão densamente transferencial, do aqui, agora, comigo. Nada mais avesso ao texto da interpretação dos sonhos... Essa obra foi abandonada durante anos principalmente pela terapeutização que a psicanálise sofreu nas mãos da IPA, por ser um texto rebelde a qualquer tentativa de esquematização simplista. A abordagem dos sonhos não pode ser massificada, enquadrada em esquemas fixos, ela conduz necessariamente ao particular de cada história. Freud dizia que os sonhos eram a via-régia para o inconsciente. Mais do que isso: uma prática de sua decifração é um bom caminho para a clínica não sair dos eixos analíti-

cos, não ser puxada para o bom senso consciente que nos tenta a cada tanto.

É interessante notar que esse é um dos textos de Freud, embora seja dos tempos inaugurais, que menos envelheceu. São cem anos e ele continua atual e instigante, ensinando clínica a quem se atreve a habitar suas páginas. O texto foi esquecido porque é ilegível sem a premissa da retomada de Freud feita por Lacan. Sejam os próprios lacanianos ou outros tocados pelo estranhamento relativo ao método esquemático que a psicanálise se tornara, sensibilizados pela dica de Lacan de que o ensinamento de Freud passa pela escuta do discurso, gerações mais recentes tornam-se capazes de receber o ensinamento da *Interpretação*, novamente, mas... estranho... ainda não de lê-la, por quê?

Um século de interpretação dos sonhos e não seguimos o conselho de Sandor Ferenczi. O mais próximo discípulo de Freud tinha a idéia de que esse livro tinha algo de intraduzível, propunha que essa obra tinha que ser reescrita em cada língua. Mais do que isso, que todas as obras em que a questão da língua estava em primeiro plano deveriam ter o mesmo tratamento. Infelizmente ninguém se lançou nessa empreitada. É preciso então um esforço a mais, os sonhos da *Traumdeutung* são bonitos mesmo em alemão. O convencimento que cairia por si precisa, quando traduzido, ser explicado. Os exemplos perdem a força.

A idéia original de Ferenczi hoje é um pouco antiquada, ele concebia uma linguagem inconsciente de cada língua, estava ainda preso a concepção ôntica do inconsciente. Mas a crítica ainda é válida, seja como for, cada língua faz uma diferença. A questão é como nos saímos na nossa. Que significaria apropriar-se da operação freudiana, adaptá-la à nossa língua, sem evocações fetichistas do Brasil, como já ocorreu em outros momentos da história da psicanálise brasileira? O fato é que confrontados com a alteridade, com um texto tão europeu quanto o freudiano, nos inibimos. O “texto estrangeiro” acaba tendo um efeito de quase sagrado, tal a dificuldade de se apropriar que temos. Adaptar o texto da interpretação dos sonhos não significa tomar a recomendação de Ferenczi ao pé da letra, não precisamos escrever

outro livro. Adaptar a nossa língua significa em primeiro lugar valorizar a arte da interpretação como a parte melhor de nosso afazer, colecionar casos e excertos como nosso mais estimado tesouro, escrever sobre sonhos, comentar em momentos de estudo, até produzir uma cultura comum de valorização do ato de sonhar e interpretar. A premissa é a colocação em público de nosso trabalho psíquico neste território nebuloso em que o inconsciente se joga.

O não lido e não adaptado texto alemão de Freud permanece como aquelas maiúsculas das iluminuras que os monges colocavam na abertura do texto bíblico, que se transmutam em flores, voltinhas e reverbelas, espalhadas pela página e convidando-nos mais ao devaneio religioso, ao enlevo sagrado do que à leitura compreensiva, à apropriação do texto.

Ler, exercitar-se pela prática que emana dessas páginas é produzir a nossa versão. Sabemos que a psicanálise só terá sobrevivência possível se persistir enquanto uma prática inteligente, permeável à cultura e hábitos em que se desenvolve, permeável basicamente à linguagem em que é praticada.

2001: NOVAS ODISSÉIAS DE EROS E SOLIDÃO¹

Jaime Alberto Betts

As múltiplas faces de Eros revelam a fantástica plasticidade da sexualidade humana, que não cessa de encontrar formas que sejam compatíveis com a cultura na qual o sujeito se encontra. Será que as denominadas neo-sexualidades são uma invenção original da pós-modernidade ou serão meras metamorfoses atualizadas de algo que sempre esteve lá?

O fim do milênio – tempo de globalização, AIDS, adições e Internet –, brinda-nos, pelo menos para quem aprecia o gênero, com uma nova expressão da sexualidade e da sua irreparável contra-partida, a solidão. Trata-se dos tele-relacionamentos e, particularmente do seu clímax, o tele-sexo, também chamado de sexo seguro. Seguro em relação a quê? – poderíamos nos perguntar. Talvez, a característica mais marcante dos mesmos seja a possibilidade do total anonimato, em função de não haver a presença física, por não se estar ali em pessoa.

Robert Altman, num dos episódios de seu filme *Shortcuts*, retrata uma mãe, dona de casa, que trabalha em sua residência como uma profissional do tele-sexo. Imaginem a cena: de um lado da linha, alguém supostamente excitado e se masturbando sozinho – ou, eventualmente, materializando através do telefone o terceiro de um *menagé à trois* – e do outro, uma dona de casa, dizendo as maiores loucuras e fantasias sexuais, tentando descobrir o que o outro quer ouvir para gozar, ao mesmo tempo que brinca com seu bebê ao lhe trocar as fraldas. Moral da história: me engana que eu gosto, afinal, você também pode estar sendo enganado. Nada mais democrático que repartir o anonimato, o engano e a solidão.

Eros informatizado é assim. A solidão também encontra formas modernas de expressão. Somos cada vez mais objetos de nossa tecnologia e

¹ Trabalho apresentado na VIII Jornada da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul *Eros e Solidão*, em maio de 1999.

dependentes da mesma. O discurso da tecno-ciência termina reduzindo tudo aos seus conceitos de correspondência biunívoca entre o percepto e o percebido, entre significante e significado, validando apenas aquilo que pode ser transformado em *bytes* de informação. Na medida em que a ciência se propõe como uma linguagem sem fala², não há lugar para a subjetividade, que resta excluída. Relacionamentos válidos são somente aqueles que são intermediados pela tecnologia. Encontros pessoais, nem pensar. Gravidez por relação sexual, também não. Parto, só de cesárea, de preferência com dia e hora marcada. Na internet, até os sentimentos são codificados e transformados em signos que tentam dar o tom afetivo das comunicações abreviadas e anônimas.

Com a Revolução Industrial e a hegemonia do discurso capitalista, consolida-se o imperativo do trabalho, através do qual se canaliza e evita a loucura do amor e a angústia do desejar. Deixar-se absorver completamente pelo trabalho nos poupa de ter que lidar com essa divisão de Eros entre amor e desejo. Trata-se de trabalhar no lugar de amar e desejar. Via de regra, as pessoas estão sempre com a corda dos prazos de seus compromissos profissionais em seus pescoços, sufocando qualquer outra manifestação desejante.

O filme *Denise está chamando* (*Denise calls up*) recebeu menção especial em Cannes no ano de 1995. Escrito e dirigido por Hal Salwen, trata-se de uma deliciosa e angustiante comédia sobre o amor e a vida moderna, onde os relacionamentos são cada vez mais intermediados pela tecnologia. Os computadores e, principalmente, o telefone são elevados à categoria de atores coadjuvantes. O tempo inteiro, os personagens interagem pelo telefone, digitam sem parar e nunca se encontram pessoalmente. Estão sempre tão sobrecarregados de trabalho e compromissos profissionais que não sobra espaço para a convivência. Soa familiar, não é mesmo?

No filme, os amigos combinaram se encontrar numa festa na casa de Linda, mas ninguém apareceu. Na manhã seguinte, começam os telefone-

² LACAN, J. *Seminário 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

mas. Gale liga para Linda para explicar porque não foi ao jantar. Linda, enquanto vai, melancolicamente, jogando no lixo a comida que preparara para receber os amigos, responde que não fazia mal que ninguém tivesse aparecido, pois não estava mesmo a fim de ver ninguém e, além do mais, estava muito ocupada, trabalhando, para ficar desapontada.

Depois, Gale telefona para o ex-namorado, Frank, para dizer que precisam fazer alguma coisa para desencadear um romance entre Jerry e Bárbara. Jerry contra-argumenta com Frank que não está pronto para ter um relacionamento, pois está trabalhando tanto que sequer tem tempo para pensar. Bárbara, por sua vez, diz para Linda que não sabe o que dizer a um homem, pois não se trata de uma conversa de negócios e sim de um encontro às cegas. E quanto a marcar um encontro, ela reage dizendo: “E se ficarmos envolvidos? Tenho tantas responsabilidades...” Linda conclui a conversa comentando que o trabalho certamente pode nos engolir se deixarmos. O imperativo *Goza!*, do Outro capitalista, é traduzido por *Trabalha!*

Após muitas idas e vindas telefônicas, ficando desconectados em várias ocasiões, estabelece-se um tele-romance entre Barbara e Jerry, com tele-sexo e tudo. Há cenas em que o diretor deixa claro que se faz sexo com o telefone mais do que por telefone. Mas, as coisas não dão muito certo e Jerry liga para o amigo Martin para desabafar: “Temos feito amor regularmente, é gratificante espiritualmente e também fisicamente, mas ultimamente tenho sentido que ela está fingindo. Eu tinha minhas suspeitas e ontem à noite, pela entonação da voz, pelas coisas que ela disse, tive certeza de que ela fingiu. Fiquei tão puto que eu simplesmente fingi de volta. Quando se faz por telefone é assim, é a igualdade total entre os sexos. Nunca mais quero voltar a falar com essa mulher.”

Só por telefone é que alcançamos o ideal da modernidade da igualdade total entre os sexos, pois, somente assim, é possível ao homem fingir um desejo que a falta de ereção delataria como ausente. Sem tesão, não há ereção.

Neste meio tempo, como contra-ponto do filme, Martin recebe a chamada de Denise, que lhe comunica que está grávida de seu filho. O surpreendente é que eles nunca se viram. Acontece que ela engravidou através de uma inseminação artificial, solicitada a um banco de esperma. E, através de

um amigo, Denise consegue dar um jeitinho de burlar o sigilo e descobre que o doador anônimo e pai de seu filho é Martin. Um dos personagens comenta que, hoje em dia, elas fazem assim, pois seus relógios biológicos estão andando, o tempo está passando, e como não tem, não conseguem ou não querem um relacionamento estável, tem inam fazendo insem inação artificial. É a produção independente total, não precisa do homem nem para a fecundação.

Uma das cenas mais surrealistas do filme é a tele-conferência durante o trabalho de parto, momento no qual todos os personagens fazem força, sempre por telefone, junto com Denise. O único contato pessoal que se dá no filme todo é ao final, quando Martin finalmente conhece Denise e sua filha, Aírodite. Os demais apenas se encontram e desencontram por telefone. É uma verdadeira fobia ao contato, promovida e mediada pela tecnologia.

A intermediação tecnológica dos relacionamentos, ao invés de servir para uma maior aproximação entre as pessoas, paradoxalmente, pode servir mais para garantir seu distanciamento. Fabricamos casulos tecnológicos que nos protegem do contato com nosso semelhante, pois a proximidade nos expõe ao amor e ao ódio. A proximidade pode nos defrontar também com a própria castração, ou seja, com o objeto que nos falta e faz desejar. Os agrupamentos de massa e o isolamento informatizado são duas formas modernas da solidão.

Existe, por outro lado, uma variante erótica da solidão que é o relacionamento sem compromisso, descartável, válido apenas para o momento, que é o denominado *ficar*. Há momentos em que os internautas de grupos de *chats* da internet se encontram em carne e osso, mesmo, onde o anonimato desliza para o descompromisso. A única perspectiva vigente é a do gozo instantâneo do momento de ficar. Depois, cada um na sua, vazão da solidão.

As múltiplas faces de Eros, na verdade, são apenas duas. Eros tem apenas duas vertentes, das quais decorrem suas incessantes transformações e múltiplas combinatórias entre si e com a pulsão de morte. Temos Eros desejo e Eros amor. E seus objetos, definitivamente, não são o mesmo. Objeto de desejo e objeto de amor são distintos, embora ligados.

Freud nos ensinou que amamos nos outros o que nos é semelhante.

Seguindo Freud na concepção da gênese do Eu por via da identificação, Lacan enfatizou que a identificação com o semelhante é a identificação primordial que constitui o eu. A imagem do corpo refletida pela mãe é o objeto primeiro sobre o qual se dirigem os investimentos libidinais, fazendo dessa imagem uma imagem amada. A imagem do eu corporal antecipa uma integração ainda ausente, em função da imaturidade do bebê humano.

Como a imagem amada de si mesmo, refletida pelo outro, introduz o objeto do desejo? Quando um irmão, por exemplo, olha seu irmãozinho sendo amamentado pela mãe, ele se reconhece nesta imagem, ao mesmo tempo em que o ciúme que sente, desencadeia nele uma relação com esse objeto de desejo perdido e gozado agora por um outro. Temos aí o tempo primeiro do ponto de articulação entre a imagem especular libidinalmente investida, amada com amor narcísico, e o objeto causa do desejo, ao qual somente se tem acesso por via da fantasia. O que permite a distinção entre a imagem de si mesmo e a do semelhante é a intervenção de um terceiro na relação mãe-bebê. Trata-se da função paterna, que, ao interditar a mãe de fazer de seu bebê o falo que responderia perfeitamente à sua castração, abre a perspectiva da falta que possibilita ao sujeito vir a ser desejante. Entretanto, o pai só é estruturalmente terceiro na situação edípica, porque o falo é o elemento significativo que lhe é atribuído pela mãe.

Neste sentido, o objeto de amor é amado porque é signo de amor, representa o falo imaginário que preencheria a falta. A falta é o objeto causa do desejo. E o desejo é sempre desejo de um desejo no Outro.

As três descobertas traumáticas - descoberta da diferença entre os sexos, descoberta da alteridade e da inevitabilidade da morte - são traumáticas, explica Joyce Mc Dougall³, por nos confrontarem com o mito psíquico fundacional, onde cremos na nossa onipotência, bissexualidade e imortalidade. São três campos imaginários onde a incidência da operação simbólica de castração se faz necessária.

O amor faz suplência à morte que o desejo sexual veicula. Fazer amor tem como pano de fundo a morte, ou seja, nossa finitude como indivíduos da

³ Mc DOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

espécie, uma geração a ser superada por outra. *Amar é dar o que não se tem a quem não sabe o que tem*⁴. O amante dá o que não tem, ou seja, o falo, e o amado nunca sabe pelo que é amado. De qualquer modo, os dois objetos, o que o amante imagina dar e o que o amado imagina ser aquilo pelo qual é amado, não coincidem, o que é fonte de muitos mal-entendidos entre os amantes.

Lacan gerou polêmica e certo escândalo ao afirmar o impossível da relação sexual. É óbvio que a “trepada” existe; o que é impossível, mesmo numa relação sexual, é estabelecer uma relação entre um ser sexuado e outro. Ou seja, mesmo no amor, o encontro é sempre faltoso, por mais que nos iludamos do contrário. É difícil a experiência de encontrar-se só, completamente só, irremediavelmente só. O analista, no momento do ato analítico, encontra-se num desses momentos. O homem diante da morte é outro, o definitivo e inevitável momento de solidão.

Denise está chamando Martin e aos demais para se posicionarem do lado do desejar e amar. Ao buscar um pai para seu filho, Denise demonstra desejar ser mãe e não apenas ter um filho. Para ter um filho, não precisaria ter se dado ao trabalho de buscar e encontrar Martin. Mas, para ser mãe, é necessário existir o desejo por um homem que venha dar nome e forma ao filho que ela vai ter. Denise não deseja que Martin assuma a paternidade por culpa ou obrigação, enfatizando, várias vezes, que seu gesto de procurá-lo é *sem cobranças*. Ela deseja um pai para seu filho. E um pai somente pode sê-lo pelo ato simbólico de assumi-lo como sendo seu, independentemente de ser seu biologicamente. A paternidade é essencialmente um ato simbólico sustentado pelo desejo.

Martin não havia podido assumir seu desejo de ser pai e estabelecer um relacionamento para tal com uma mulher, e imaginou ser um pai anônimo, desconhecido, sem que ele mesmo pudesse saber ao certo se seu espermatozoide viria a ser aquele que fecundaria uma mulher também anônima.

Denise mostra que a questão freudiana *O que quer uma mulher?* tem como contrapartida outra: O que é ser pai?

⁴Lacan, J. *Seminário 8 – A Transferência* (1960.-1961). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992, p.41.

MAL-ESTAR PRESENTE NO FUTURO

Robson de Freitas Pereira

“Podemos esperar efetuar gradativamente em nossa civilização alterações tais que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapem às nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a idéia de existirem dificuldades, ligadas a natureza da civilização, que não se submetem a qualquer tentativa de reforma”.

S. Freud

O Sr. Irineu era um homem muito preocupado com a natureza. Mais precisamente, com a ecologia; ou melhor, com os malefícios que os homens estavam cometendo contra o equilíbrio ecológico. Cada vez que escutava uma notícia sobre a morte de peixes, em função da poluição; ou o desmatamento, por causa das queimadas, sentia na carne o estrago causado. Isto o deixava muito triste e macambúzio. Tanto quanto a depressão que o dominou quando seu gato de estimação sumira. Os animais eram sua segunda paixão. Tinha inúmeros gatos e cachorros que abrigava em sua casa. O número cresceu tanto que ele foi obrigado a entrar numa associação para poder abrigar os animais domésticos, abandonados ou maltratados, que acudiam à sua casa freqüentemente.

A tristeza e uma certa descrença para com o Criador aumentara desde sua aposentadoria. Na infância e juventude, quando a cidade grande ainda era uma miragem de colono sonhador, não tinha tempo para divagações sobre os pássaros e peixes. Afinal, eles estavam ali no rio, ou nas árvores, prontos para uma passarinhada com vinho. Agora, de uns tempos para cá, começara a ter uns pensamentos que não ousava dividir nem com a mulher nem com o pároco. Poderiam tomá-lo por herege.

O corpo. Desde pequeno Tadeu gostava de olhar seu corpo no espelho. Ver se os músculos do peito e os pêlos das pernas estavam crescendo,

ou mesmo examinar se as espinhas não iriam tomar conta do rosto. Agora, também continuava a se examinar, mas os sinais da decadência eram cada vez mais evidentes: os cabelos caindo, deixavam antever a lustrosa calvície que o identificava com os homens da família (seu pai ficara careca bem jovem). Depois do acidente, achava que o nariz nunca mais voltou para o lugar e tinha certeza de que as pessoas notavam que o braço direito não tinha mais a mesma mobilidade. Aliás, mobilidade e boa aparência eram duas qualidades essenciais para que alguém pudesse “se manter na vitrine, ser carne nova na calçada” e conseguir algum garoto interessado em alguma coisa mais além do jantar e do dinheiro do michê.

O que vão pensar os outros? Era o que sua mãe sempre dizia quando sabia de alguma “novidade” aprontada por Maria. Ela pouco se importava. Era mais inteligente do que seus irmãos, iria sair de casa assim que pudesse e trataria de ir para bem longe. Onde não precisasse ouvir, a todo momento, aquela insistente pergunta materna. Depois que veio para Porto Alegre estudar para o vestibular, não voltou mais. Apaixonou-se três vezes e fez três abortos. Nunca tinha se importado muito, ou ficado com algum remorso que durasse mais do que um mês. O curioso é que após o terceiro, não imediatamente, mas aos poucos, aos detalhes, foi tendo a impressão de que estava sendo observada. Não era nada evidente, mas certos olhares de relance no ônibus, ou mesmo nas calçadas movimentadas do centro da cidade. Quando estava com amigos em algum bar, foi ficando com dificuldade de prestar atenção na conversa, os olhares cruzados e o burburinho das palavras começavam a incomodar. Nada demais, se em alguns momentos fugazes, não escutasse comentários que os vizinhos de mesa faziam a seu respeito. Pareciam rir dela. Saco. Logo agora que precisava se concentrar para seu estágio de psicopatologia.

Há setenta anos, Sigmund Freud escreveu que as três principais fontes de desconforto em nossa cultura eram relativas a nossa luta para dominar as forças da natureza, nossa ignorância a respeito de nosso próprio corpo (“condenado à decadência e à dissolução”) e nossa dificuldade de relacionamento com os outros homens. “O sofrimento que provém dessa

última fonte talvez seja mais penoso do que qualquer outro”, acrescentava ele.

Com Lacan, aprendemos que este descompasso era o fundamento de nossa estrutura. Pelo simples fato de falar, estávamos imersos em nosso sintoma fundamental. Não temos mais a capacidade de encarar nossa relação com a natureza, com o corpo ou mesmo com os outros como uma ordem que re-estabeleça a tranquilidade perdida. Ao contrário, uma tradição que talvez pudesse estabelecer alguns parâmetros ordenadores, atualmente, só serve para que sejamos impelidos na direção de construir um “admirável mundo novo”.

Então, no limiar de um novo século e novo milênio, talvez possamos retomar as considerações sobre o mal-estar não como uma fatalidade, mas, sim, como uma condição de nossa estrutura, de nossa cultura. Uma cultura sobrevive mil anos, aliás, um cientista escreveu que “as únicas instituições humanas que retêm suas identidades no curso de mil anos são idiomas, culturas e religiões” (Freeman Dyson). No milênio passado, a Europa não existia e a Península Ibérica tinha uma cultura desenvolvida, fruto da ocupação árabe. Há quinhentos anos, o Brasil também não existia, a não ser em algumas ficções que se tornaram realidade. Há cem anos, a psicanálise começou a tomar um lugar na cultura ocidental. Não sabemos se ela vai perdurar mais um século, ou como será uma psicanálise no quarto milênio. Hoje somos todos do século passado, mas com um enorme desejo de que nossa invenção seja alvissareira.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O MOMENTO ATUAL E O FUTURO DA PSICANÁLISE

ENTREVISTA COM ELISABETH ROUDINESCO¹

Como sabemos, Roudinesco dedicou seus estudos, de muitos anos, à história e origens do movimento psicanalítico, com o intuito de aclarar a situação desse no mundo e, portanto, de esboçar um futuro da psicanálise.

Nas suas últimas conferências proferidas aqui no Brasil, especificamente em Porto Alegre, maio de 1998 – com o objetivo de promover o lançamento do *Dicionário de psicanálise*, organizado em parceria com Michel Plon –, a historiadora trouxe uma apresentação da psicanálise no plano internacional. A partir disso, tentamos dar conta da responsabilidade que nos cabe nessa situação e no trabalho que o discurso psicanalítico demanda.

Assim, acreditamos ser de interesse reproduzir uma entrevista de Roudinesco, realizada no programa Roda-Viva, TV Cultura - SP, no dia 31 de maio de 1999, em que ela traz os novos aspectos do movimento, as novas tendências, as preocupações na atualidade, enfim, o futuro da psicanálise.

Por motivos editoriais, selecionamos e resumimos algumas questões e organizamos algumas respostas da convidada em uma mesma questão.

Luzimar Stricher

¹ Entrevistadores: Paulo Markun - Jornalista; Renato Mezan - Psicanalista; Arthur Nestrovsky - Professor da Universidade de SP, articulista Folha SP; Mário Eduardo da Costa Pereira - Psiquiatra e Psicanalista da Unicamp; Monica Teixeira - TV Cultura SP; Luiz Tenório de Oliveira Lima - Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de SP; Carlos Guilherme Mota - Historiador; Caterina Koltai - Socióloga e Psicanalista.

Markun – Há uma frase de Lacan, não sei se é dele, que diz que a história humana é a história dos “desejos desejados”, na sua opinião qual é o da humanidade neste final de século?

Roudinesco – Sinto que neste fim de século, na sociedade ocidental, há um grande desejo de normalização, o que é um pouco preocupante. Vivemos numa época em que o ideal revolucionário desapareceu com a derrota do comunismo – que era um grande ideal. Então, fica a impressão de que se está procurando uma outra coisa. Poderíamos dizer, que é a partir daí que surge uma certa depressão. Sinto isso na França, aqui no Brasil não sei, mas acredito que vivemos numa sociedade depressiva, e a prova disso é a quantidade de medicamentos usados nos tratamentos psíquicos.

Markun – Esse desejo de normalização, para quem aposta na psicanálise como um caminho de melhoria das pessoas, não é uma contradição, já que ela discute os limites da normalidade?

Roudinesco – Não. A psicanálise é uma teoria do desejo, ou seja, tenta compreender o desejo das pessoas. É claro que, quando há perturbações patológicas mais graves, visa-se automaticamente a normalização. Depende do que chamamos de normalização. Quando falei que havia um desejo de normalização, pensava que este fim de século possui um único modelo econômico e social, que é o do sucesso individual, com o acréscimo da perda do ideal, da revolta, seguida por sua vez de grande violência...

Mezan – Em relação à depressão, hoje doença predominante, talvez, o que a histeria era um pouco no século passado... essa situação não conduz a uma ilusão de ótica? E, na sua opinião, quão subversivo é o pensamento de Lacan diante da monotonia desse final de século?

Roudinesco – Eu disse que a doença psíquica dominante no fim do século passado era a histeria, e esta exprimia um conflito que passava pelo corpo da mulher. Era uma contestação à sociedade, ao menos simbolicamente, enquanto a depressão é o contrário. Mas, embora a histeria não tenha desaparecido, todos os distúrbios histéricos são tratados como depressão e isso vem do fato de vivermos a era da psicofarmacologia. Dito de outro modo, como esses medicamentos são ineficazes para a histeria, trata-

se tudo como se fosse depressão. Isso pode ser meio banal, mas é sintomático em nossas sociedades. E, respondendo sobre Lacan, este é um paradoxo. Seu pensamento ainda é subversivo, porque ele é o último dos grandes intérpretes do freudismo. Talvez hajam outros. Lacan deu ao pensamento freudiano algo totalmente novo, ou seja, reuniu todo este pensamento num debate filosófico sobre o ser, sobre a morte, e sobre o indivíduo, tal como havia pensado a filosofia alemã. Nesse sentido, ele é o continuador da filosofia. Não há isso em Melanie Klein, nem em outros grandes pensadores do freudismo. Mas, como homem, ele era conservador, e esse é o paradoxo. Acredito que em Lacan há algo muito mais transgressivo do que subversivo. Agora, tudo depende de como se lê Lacan. Se for apenas para fazer a repetição mimética – dogma ou catecismo – não há interesse algum. Apesar de que os grandes movimentos sempre produzem dogmas, é inevitável... Mas, acredito que a medida que avançarmos, a leitura de Lacan será mais serena.

Nestrovsky – Gostaria de levar as questões da psicanálise para o futuro. No final de sua biografia de Lacan, tem uma passagem muito bonita, em que a senhora comenta sobre os praticantes da psicanálise que trabalham hoje – tanto em instituições de atendimentos com emigrados, loucos, marginais, doentes de Aids, como em seus consultórios com a neurose comum e depressão – com novas formas de tratamento, e que eles seriam o futuro da psicanálise, a sua honra e sua paixão. A senhora poderia falar sobre isto, se hoje já são tendências teoricamente reconhecidas?

Roudinesco – No filme que fiz sobre Freud, também homenageei todos esse profissionais anônimos, pois vivemos um período em que não há mestres, e isto não ocorreu apenas na psicanálise. Toda essa nova geração teve que esquecer a figura do mestre, para não se arriscar a ter mestres menores ou até mesmo charlatães. Os psicanalistas de hoje são de fato mais anônimos, bons clínicos, e que se defrontam com todo tipo de dificuldade... Mas, ao mesmo tempo que não há mais mestres, a psicanálise está em toda parte. Observei que na França e em outros países, como os EUA, há críticas constantes à psicanálise, como acontecia no início do século. Nos EUA, onde se adorava a psicanálise, hoje ela aparece rejeitada, não há

um dia sem que se façam críticas. Antes, era por causa da sexualidade; hoje, dizem que ela é ineficaz, que os medicamentos são melhores e que se pode encontrar diretamente as causas cerebrais dos psiquismos. É com isso que se defrontam todos esses novos profissionais. E, quanto a isso, não tenho posição dogmática ou opinião radical. Se há algo que será abandonado na psicanálise é provavelmente certa atitude rígida.

Constato, sem prós e contras, que hoje não se pratica mais a psicanálise como há vinte anos, como no início de minha prática ou quando fui analisada. Os tratamentos usam menos o divã e mais o face-a-face, há mais maleabilidade com a colaboração de outras psicoterapias... Alguns acham isso perigoso, mas acho que não temos escolha. É uma abertura. O risco são os psicanalistas serem menos cultos que outrora, não haver mais aquela figura do intelectual e, cada vez mais, as questões serem mais clínicas e pragmáticas. Por isso, penso que no futuro haverá mais psicanalistas na universidade, que representa o ensino do saber psicanalítico, e que ela não ficará apenas puramente clínica. Sempre há dois perigos para a psicanálise: se ela se torna apenas intelectual, transmitida como conhecimento acadêmico, há uma perda; se ela torna-se apenas clínica, há uma perda também.

Vê-se isso com mais frequência nos EUA, pois, como se sabe, lá há departamentos inteiros na universidade, onde a psicanálise é ensinada por pessoas que não são psicanalistas, e nunca serão, mas que fazem trabalhos interessantes. De outro lado, há muitos psicanalistas que nunca lêem trabalhos intelectuais sobre o tema. É uma tendência e é uma pena. Mas para o futuro, sim, a análise tem um futuro, porque sempre haverá pacientes que não ficarão satisfeitos com métodos que não levem muito longe a exploração de si mesmo. Em sociedades muito normalizadas, com perda de ideais, se terá cada vez mais necessidade de um conhecimento de si mesmo, que seja realmente verdadeiro.

Costa Pereira – Uma psiquiatra norte-americana, uma das mais respeitadas nos EUA, diz que com os avanços das técnicas contemporâneas e da neurociência estamos realizando o projeto de Freud, ou seja, de poder traduzir numa linguagem neurocientífica os fatos mentais. Nesse contexto, a

psiquiatria poderia ser para a psicanálise uma interlocutora importante, novamente, no campo da psicopatologia, já que esta vai tratar das paixões? E o que é possível para nos ajudar a sair desse embate, que parece que acaba com qualquer progresso verdadeiro de interlocução da psicanálise com as neurociências?

Roudinesco – Escrevi um livro sobre isso para responder aos argumentos dos cientistas. Primeiro, queria observar que muitos neurobiologistas, como Gerard Edelman, Alain Prochion, Jean-Marie Vincente e outros, ergueram-se contra as reduções que outros biólogos fizeram do pensamento ao cérebro, do inconsciente ao neurônio, etc. Vivemos numa época em que se tenta incluir todos os psiquismos dentro dos mecanismos cerebrais, físico-químicos, etc. Isso vem de um progresso real da biologia e da genética.

Vivemos em uma época científica, na qual a verdadeira ciência progride, mas também produz mitos. E esses mitos conduziram, infelizmente, à destruição da nosografia psiquiátrica tradicional, isto é, do que representa os últimos avanços do manual de diagnóstico estatístico de classificação de todas as doenças – no qual os pacientes no mundo todo são classificados de acordo com os comportamentos, não mais segundo um sentido. Isso me parece muito grave. Isso significa reduzir o pensamento a neurônios, ou seja, reduzir o paciente a um mecanismo físico-químico. Sou profundamente ligada à racionalidade, à ciência e de forma alguma à magia. Logo, não se deve ver em minha crítica que sou contrária à ciência. Mas critico todas essas abordagens ditas científicas, por serem, de fato, mitologias cerebrais. Não se deve esquecer que essas teses foram criticadas também por outros cientistas que defenderam as posições de Freud. Lembro ainda que ele procurou a vida toda dar um *status* de ciência natural à psicanálise, pois também achava que se encontrava na biologia uma explicação para os psiquismos. Pensou assim a vida inteira, já que num dos últimos escritos, editado postumamente, 1940, ele repete isso... Mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, ele fez o contrário. Já em seu primeiro manuscrito, “Esboço de psicologia científica”, ele abandonou esse terreno, dizendo que, mesmo seguindo aquele caminho, não teria encontrado nada. Em outras palavras, se vivemos numa época em que se quer reduzir tudo a neurônios, creio que é porque a

psicofarmacologia produziu efeitos extremamente positivos. As teorias são falsas, a meu ver, mas a verdade é que a eficácia de todos os medicamentos psicotrópicos deu a ilusão de que iríamos encontrar uma explicação neuronal para todos os mecanismos do psiquismo. Essa é a ilusão. Mas não é porque há efeitos reais que se deve incluir tudo nessa questão. Um paciente não é explicável unicamente de um jeito. A função simbólica é capital. Temos um sentido, de onde viemos, de quem somos filhos, qual é o sentido de nossa vida... Todas essas questões são abolidas pelos cientificismos. E quero concluir dizendo que esses cientificismos sempre têm o risco de produzir terapias mágicas. É nos EUA, onde mais se desenvolveram as neurociências, que há também um recrudescimento das terapias mágicas, bruxarias, magnetizadores, astrólogos, etc. Até porque os pacientes vão buscar na magia o que não encontram mais numa ciência que é científica e totalitária demais.

Markun – O que a psicanálise pode fazer nos dias de hoje? Pois houve um certo período em que a psicanálise foi vista, por uma elite, como a grande solução para os problemas individuais.

Roudinesco – Existe uma imagem deturpada da psicanálise, a idéia, por exemplo, de que ela só trata pessoas que tem problemas sofisticados... Em todos os hospitais e locais ligados a doenças, ou onde haja sofrimento, existem psicólogos clínicos ou psicanalistas que se ocupam em escutar todas as pessoas que têm problemas psicológicos ligados a essas doenças, e aos quais um médico não pode escutar. Na França, há muitos desses profissionais, trabalhando na periferia com os imigrantes, delinqüentes, enfim, com todos os problemas da sociedade. Essa é a prática cotidiana da psicanálise, mesmo que para isso não se use o divã. E esses psicanalistas também não usam terno e gravata, usam jeans, tênis, não ganham muito e não têm pacientes em divãs o tempo todo. É essa a imagem moderna da psicanálise, e foi a eles que quis prestar homenagem em meu livro. É assim que eu vejo o futuro da psicanálise.

Monica Teixeira – Toda essa idéia dos psicofármacos, Prozac, solução por medicamentos, a idéia deque o sofrimento psíquico não é psíquico... São idéias que estão tendo um grande avanço no final do século. Por que

está acontecendo isso, o que há no mundo que tornam essas idéias, que vem do progresso da ciência, aparentemente, tão preponderantes e tão dominantes na sociedade?

Roudinesco – Há progressos reais da ciência todos os dias, portanto ela se tornou a ideologia de todos. A ciência, a religião e a magia são as três vertentes. As grandes igrejas estão em declínio, em benefício dos movimentos carismáticos, mais mágicos, onde se procura um ideal. O fato hoje é que com o poder da mídia, com o progresso real no setor da saúde, da ciência, todos esperam soluções vindas daí... São soluções verdadeiras, por isso é complicado. É graças à medicina que se envelhece menos, por exemplo, e é justamente por isso que todos acham que pela farmacologia se vai achar soluções para todos os problemas. Mas isso é verdadeiro e falso. É real. Hoje não se pode viver sem medicamentos, sejam psíquicos ou orgânicos. Pode-se imaginar que dentro de 20 anos vai se viver com muito mais medicamentos, mas o que quero dizer é que nada é total. Sempre haverá uma parte de subjetividade e esta deve ser canalizada. Nesse sentido, é verdade que a psicanálise continua sendo um meio de escuta da subjetividade, mas ela não deve se aproximar da magia, pois seria um desastre. Acho que ela deve dialogar com a ciência e a racionalidade, creio que é a única solução para esse problema e para seu futuro. Por isso não concordei com os psicanalistas que rejeitavam sistematicamente todos os medicamentos. Eles são cada vez em menor número, mas é esse o debate do futuro. Essa é a crença. Todos esperam milagres da ciência e isso acaba produzindo efeitos negativos, mas é normal. Foi assim no final do século XIX, com a grande expansão da ciência. Mas cuidado com a revanche, houve a produção mágica, que acompanha, automaticamente, os grandes progressos da ciência.

Nestrovsky – Já que estamos pensando sobre as relações da psicanálise com o mundo social no momento atual, no verbete sobre *melancolia*, do seu dicionário de psicanálise, menciona a depressão como uma espécie de equivalente da histeria no século XIX – uma verdadeira doença de época. Essa se deve ao paradigma de um mundo desprovido de ideais e dominado hoje pela tecnologia farmacológica. Não sei se não é um pouco hiperbólico demais, gritante demais, pensarmos num mundo desprovido de

ideais. Mas, acreditando que a descrição realista dos fatos seja de que foi escutando as históricas, tentando escutar o que estava sendo dito no discurso de mulheres, que tinham um deslocamento tão grande em relação ao seu sofrimento, que Freud criou a psicanálise, me ocorre uma questão: Será que nós teríamos de fato alguma coisa de mesma monta a aprender com a depressão?

Roudinesco – A psicanálise está hoje, de fato, acompanhando ou sendo capaz de escutar essa demanda dos deprimidos e aprendendo alguma coisa com ela, mas o problema hoje (por isso usei a palavra depressão e não melancolia) é que todos são tratados como depressivos. E repito isso porque os anti-depressivos são muito eficazes. Então, propõe-se o mesmo medicamento para todos, histéricos ou não. E há diferenças. Aqui não sei, mas, na França, se alguém tiver qualquer problema, receita-se Prozac, sem diferença entre alguém com depressão crônica sem causa e alguém que acabou de sofrer uma perda, um acidente, ou seja, problemas que não estão ligados ao medicamento.

Markun – Há um grande negócio por trás disso, quer dizer, não se trata de uma moda, e sim de uma máquina de fazer dinheiro...

Roudinesco – Sim, os laboratório farmacêuticos. E a contestação a isso, na França, partiu dos psiquiatras, não dos psicanalistas. Sendo o país onde se consome mais psicotrópicos no mundo, os próprios psiquiatras apontaram que estes estavam sendo consumidos sem recomendação especializada, ou seja, muitos clínicos gerais respondendo, com um medicamento, a qualquer problema. Então, não são prescritos pelo psiquiatra, são prescritos por todos os clínicos gerais, independente do tipo de problema. Para qualquer tipo de sintoma se dá a mesma droga. Quero insistir nisso. E não é por acaso que seja um anti-depressivo. Nos EUA, os excitantes são mais consumidos. Mas dá no mesmo, é sempre a idéia de que há depressão e, assim, vai se sair dela. É um paradigma no sentido filosófico, pois estamos em sociedades depressivas, sociedades ocidentais. Trata-se a todos da mesma forma, quando a indicação não é forçosamente a mesma. Você tem razão, há um problema de dinheiro por trás – a resposta é mais rápida. Mas se esquece que, depois, essas pessoas não seguem um tratamento. Isso

funciona por um tempo, mas, quando se tratam perdas, e outros estados psíquicos, apenas com medicamentos, não se obtém resultados tão bons a longo prazo.

Monica Teixeira – A senhora vê o sucesso individual como uma marca do final do século. Quais são as relações que a senhora acha que existe entre esse anseio, que é reconhecido socialmente, e esse quadro de depressão, ou sociedade depressiva, que busca sair de qualquer depressão através de qualquer remédio?

Roudinesco – Acho que quando se tem como único modelo o sucesso, no sentido mais material do termo, isso provoca estados depressivos. Pois, caso o sucesso seja a única meta, se o indivíduo não conseguir chegar a ele, vai automaticamente entrar em depressão. Acho que ainda vivemos em sociedades em que não se quer ver a violência, a morte, na guerra não se quer ver os mortos, no trabalho não se suporta mais que alguém chore, sofra, tudo deve ser “clean”, enfim, não se quer ver a realidade. Isso é uma grande tendência dessas sociedades normativas e é assim com o uso de medicamentos, como alguém que dissesse: “sei que tenho um inconsciente, mas não quero saber de nada” Toma o remédio e pronto. Não quero parecer um velho juiz conservador, mas na verdade é essa a tendência hoje: esconder tudo depressa, esconder a dor... E ela existe...

Tenório de Oliveira – Na minha experiência, atualmente, como analista, tenho encontrado mais preconceito com o uso da medicação do que com a psicanálise. Tenho tentado persuadir clientes meus, em análise, a serem avaliados por um psiquiatra em circunstâncias limites, ou mesmo para poder ser avaliada a prescrição de anti-depressivos. De qualquer forma, temos que valorizar esses progressos farmacológicos que são contribuições importantes para o trabalho. Uma questão mais amena, relativa ao seu trabalho propriamente, é a posição da mulher na psicanálise. Gostaria de ouvir sobre a situação da mulher do ponto de vista teórico e da mulher psicanalista.

Roudinesco – Sobre a farmacologia, fui muito clara no início. Acho que devem existir as duas coisas. Hoje, a maioria dos analistas receita medicamentos a alguns pacientes, o problema é a indicação. Os analistas franceses, geralmente, enviam os pacientes ao psiquiatra para serem medica-

dos. O que critico na farmacologia é a prescrição aleatória. É claro que os medicamentos têm grande utilidade, sobretudo nos casos de psicose. A revolução farmacológica aliás, esvaziou os hospícios; há medicamentos que permitem que os psicóticos vivam normalmente, mas percebemos que isso não basta. Todos sabem que nunca basta apenas tomar remédios.

Quase sempre, quando a pessoa começa a tomar o remédio, há um grande alívio; depois, aquilo não basta, ele muda de medicação; e, num dado momento, precisa da palavra. É o momento da palavra intervir com qualquer remédio. Pode haver durante a análise um momento em que se prescreve algum medicamento. Hoje, todos têm pacientes que tomam algo. Não pense, então, que eu seja contra os medicamentos. Penso mesmo que deveria haver maior ligação entre psiquiatria e a psicanálise. Inclusive, em todos os países, a psicanálise foi implantada quando havia psiquiatria. E é esse laço que se está perdendo com as teorias comportamentais... Há até reações de alguns psiquiatras, alguns deles também são psicanalistas. Aqui também a velha rusga de médicos e analistas já terminou.

Sobre o papel das mulheres na psicanálise não vamos repetir todas as teorias da sexualidade. Pode-se, simplesmente, dizer que assim como a psicanálise só se implantou em países democráticos, tendo sido um movimento de emancipação das mulheres, também só vai se implantar quando acompanhar esse movimento. Em outros termos, ela passa também pela emancipação das mulheres, devido à explosão da família tradicional, patriarcal, que dava à mulher o papel único de mãe, reprodutora. Mas, há ainda esse símbolo de que é pela liberação feminina que a psicanálise progride. E eu queria acrescentar que isso parece ser assim no mundo todo, o que é um problema. Há cada vez mais mulheres nessa profissão, que está quase feminilizada. Isso é bem evidente no Brasil, mais do que na França. Há uma tendência à feminização da profissão de psicanalista, e isso não é bom. Digo isso porque sou contra os guetos, não há nada melhor que as misturas. Se toda uma profissão se feminizar ou masculinizar será, igualmente, problemático. Mas isso prova que as mulheres acharam seu lugar na psicanálise e não só na psicanálise infantil. Talvez, por terem uma escuta espontânea da palavra, ocuparam um espaço considerável.

Costa Pereira – Tem dois aspectos que parecem que não estão suficientemente desenvolvidos no dicionário e que são muito marcantes no contexto brasileiro da psicanálise. Um deles é esse enorme esforço que foi feito em diversos Estados do Brasil, digamos uma modificação desse contexto, dessa classe média alta, burguesa, da clínica psicanalítica para as experiências propriamente sociais, ou para o grande público da psicanálise. A outra questão é a particular inscrição universitária da psicanálise aqui no Brasil, uma vez que não existe muitos países no mundo em que a psicanálise tenha ocupado um lugar tão importante e tão fecundo dentro da universidade como no Brasil criando um espaço de interlocução não só com a psiquiatria, mas com as artes, com a própria história, com a literatura...

Roudinesco – Para redigir a parte brasileira do dicionário de psicanálise eu me inspirei em trabalhos de brasileiros. E ainda faltam informações. Mas não é especificidade do Brasil a experiência social da psicanálise. Ela existiu em toda parte, em toda época, Berlim em 1920, na Áustria, na França, nos EUA, com a grande clínica no Kansas, a Meninger, em Topeka, que foi uma experiência extraordinária. Então, a dimensão social não é específica do Brasil. Pode haver uma especificidade, mas essa é uma tendência que existe desde o início. A psicanálise não é só o divã e a poltrona.

Em outro ponto você tem razão, parece-me que uma das grandes particularidades (e talvez por isso ela esteja tão viva) está na universidade. No Brasil, houve muito menos resistência da universidade à psicanálise. Já na França é terrível, ela está sempre sob a capa da psicologia, ela é ensinada nos departamentos de psicologia, não há uma cadeira de psicanálise na *École de Hautes Études*, nem no *Collège de France*. Em muitos países, há sempre uma suspeição sobre a validade científica dessa disciplina considerada estranha pelos acadêmicos. E, no Brasil você tem razão, ela é mais importante. Talvez porque os psicólogos brasileiros tenham sido menos resistentes a ela do que os franceses. A especificidade da psicanálise brasileira é o ecletismo, há todas as escolas e tendências. É como um espelho da Europa, como eu quis mostrar.

Nestrovsky – A pergunta dele dizia respeito à participação das mulheres hoje. Freud fez uma pergunta clássica que ficou parcialmente sem

resposta. “o que quer uma mulher?” As respostas dele não são convincentes pelo menos para os padrões de hoje. Mas foram exatamente as histéricas do século XIX – mulheres que desejaram coisas que elas mesmas não conseguiam reconhecer como desejos e sofreram por isso –, ao escutar essas mulheres que desenvolveram sintomas histéricos por conta disso, que ele inventa, cria a psicanálise. Hoje, as nossas mulheres já têm as suas demandas reconhecidas de forma mais produtiva, mais consistente pela psicanálise? Até que ponto a psicanálise mudou para dar conta dessas demandas?

Roudinesco – Sim, Freud sabia disso, porque ele dizia, com razão que, quando as mulheres fossem psicanalistas, as questões mudariam, sobretudo as da sexualidade feminina. Ele até mudaria sua teoria em função do que as psicanalistas trouxeram. Não sei se é bem essa a sua questão sobre o lugar da mulher. Tendo a achar que as mulheres não só na psicanálise, vão ocupar um lugar muito potente no próximo século. Apesar do que se diz e do que acontece em mais da metade do mundo, onde a mulher ainda é muito explorada, digamos que em lugares como a Europa, os EUA e o Brasil, em algumas camadas sociais, é verdade, o poder da mulher será muito grande. O domínio sobre a procriação, tudo, vai tender para o lado do poder feminino e acho que os homens é que estarão em dificuldade. Porque não se pode depois de 2000 anos...

Markun – Já estamos....

Roudinesco – Já estão numa dificuldade terrível... Por isso eu critiquei as feministas, que se preocupam muito com essas questões. Elas mesmas se perdem e há mulheres só por causa disso. E, também, por não se darem conta da repercussão da emancipação feminina. É preciso se projetar no futuro, pois ainda há que lutar para que os direitos sejam iguais; mas, segundo a psicanálise, não se pode deixar de pensar na questão da falta paterna masculina. Os homens estão sendo privados de tudo que tiveram por 2000 anos, de forma rápida e progressiva. Claro que tiveram muito tempo para se preparar, mas, mesmo assim, não é fácil. Do ponto de vista concreto, hoje, vê-se muitos homens procurando análise. Mais do que há 20

anos. E, provavelmente, isso proliferou, também, em muitos países, pelo fato da psicanálise ter-se dirigido para as crianças. Quer dizer, toda a psicanálise foi para o lado materno, e o lugar do pai nunca foi suprido. Nisso Lacan foi genial. Ele logo entendeu o que era esse lugar. Há uma tendência para pedir que homens desempenhem tarefas de mães, partilhe delas, mas as coisas não vão acontecer assim. Será diferente. Chamo a atenção para isso, qual será a potência feminina no futuro? Será que homens vão se feminilizar mais? O que a identidade dos homens fará com todas as transformações?

Guilherme Mota – Começamos com a Revolução Francesa, então, eu queria me dirigir à historiadora para o tema da mulher, novamente, um tema que está também na obra de Lacan. Nas suas reflexões, que é a crítica da família burguesa, ou isso que poderíamos chamar de declínio da família ocidental, além de Prozac e outros, acho que há uma questão mais estrutural e aí voltamos ao exemplo de Merricourt, que no processo revolucionário vive a libertação, participa, e depois é colocada no hospício no decorrer do processo. O que se passou tem alguma lição para o nosso presente? Eu queria ouvi-la porque é um belíssimo livro...

Roudinesco – O que me interessou no trabalho de Merricourt, uma pioneira da Revolução que mergulhou na melancolia depois, na época do terror, era mostrar que a melancolia chegava quando o ideal revolucionário desmoronava. Através dela, eu pensava no filósofo Althusser, outro grande melancólico, e até o paradigma da melancolia pós-revolucionária. Quando não há ideal, pode haver esse mergulho na loucura, como ocorre com os grandes místicos. Foi isso que me interessou.

Mas, sobre o declínio da família, há um duplo movimento. O que declina é a família patriarcal, mas é a família que se tornará um modelo cada vez mais normativo. Todo mundo quer se casar, notadamente, até os homossexuais. Isso mostra que ela é um modelo absolutamente universal, como dizia Levy-Strauss, não sob a forma de casamento clássico, mas, sob formas diversas. Em todo caso acho que a família continuará sendo o núcleo da sociedade. É mais o lugar do pai, a família patriarcal que vai mudar. E como vai ser? Essa é a interrogação inevitável.

Markun – Vivemos uma época em que a loucura hoje não está mais, se é que algum dia esteve, circunscrita aos hospícios. No dia em que estamos gravando este programa, o mundo inteiro está impactado por um episódio que aconteceu nos EUA, em que 25 jovens foram mortos, e que nossos avós diriam ser um sintoma de loucura. Hoje tentamos explicar como resultados das violências da sociedade, jovens marginalizados, porque não eram bons alunos, esportistas... um dia essa loucura vai acabar?

Roudinesco – Não. A condição humana não termina nunca. Isso é um sonho. A loucura existe desde a noite dos tempos, como a sexualidade, o suicídio ou a morte. Ela faz parte da condição humana. O que muda é a representação que fazemos dela. Na Idade Média, o louco não tinha o mesmo lugar que hoje. O grande momento se deu quando se considerou, a partir do século XVIII, que a loucura era uma doença mental. Essa é a mudança. Antes falava-se em possessão do demônio, que era a expressão entre os antigos, de uma fúria interna ligada ao organismo, etc. Hoje, tudo é considerado do ponto de vista da doença. Pensava-se que a loucura seria vencida, poderíamos curá-la, como se cura uma doença... Mas não. E a prova é que se pensava isso também do suicídio, que os remédios venceriam o suicídio. Mas, não se pode vencer os grandes dados da condição humana. Ela tomará formas diferentes. A humanidade não pode curar-se do que ela é. Já imaginaram uma sociedade que eliminasse a morte, o suicídio, a loucura? Curaríamos a neurose. Mas seríamos o que então? O que seria o homem livre de suas paixões? Seria um cemitério!

FIM DO MUNDO?

João Ubaldo Ribeiro¹

Sou vivido e lido o suficiente para saber que esse negócio de fim do mundo é muito mal administrado. Desde que me entendo, o mundo vai acabar em tal ou qual dia e não acaba nunca. Desde bem antes de Cristo, o mundo já ia acabar proximamente. Tenho a impressão de que, assim que o homem passou a ter suas primeiras conversas filosóficas, saiu um papo de fim do mundo. Nós podemos não ser inteiramente frutos do meio em que vivemos, mas, com toda a certeza, ter que encarar um mastodonte no dia de fazer feira da semana devia sugerir a nossos ancestrais a esperançosa idéia de que tudo aquilo terminasse de uma vez.

O último fim do mundo de que tivemos notícia foi, como se sabe, no dia onze de agosto, sucedido por uma sexta-feira treze, e continuamos aqui. Vivendo como Deus sabe, mas continuamos e, como dizia meu sábio amigo Luiz Cuiúba e eu repito sempre, pior seria se pior fosse. Entre meus companheiros de boteco, as conseqüências de mais esse fracasso foram, imagino eu, as mesmas no geral havidas em todo o Brasil, nada de grande monta. Alguns ficaram chateados, porque esperavam livrar-se das dívidas e, como bônus, ver os credores no inferno. Já outros fizeram bom proveito. Tratava-se do último porre na existência da humanidade e a mulher tinha de compreender que trinta chopes numa tarde eram até uma quota mais que modesta.

Os fim-de-mundistas, contudo, são renomados pela sua pertinácia e desta vez não esperaram muito para voltar à carga. Segundo leio nas folhas, o próximo fim do mundo deverá ocorrer no sinistríssimo 9 do 9 de 99 (já passou? Se já passou, como dizem nas cartinhas de cobrança, ignore), ou no ainda mais terrificante 9 de 99. Este, apesar de um algarismo a menos, é pior do que o anterior porque, se virado de cabeça para baixo, dá o número

¹ A reprodução desta crônica foi gentilmente autorizada pelo *Jornal Icatu*, que a publicou, originalmente, em sua edição de jul./ago./set. 1999.

da Besta do Apocalipse. Não sei se isso quer dizer que a Besta do Apocalipse vai aparecer e mastigar-nos um a um, começando pela cabeça. Não sei nem por que alguém haveria de querer virar 999 para baixo, somente para ver o número da Besta do Apocalipse. Aliás, manda a honestidade confessar que nem se quer sei direito como é a Besta do Apocalipse e não faço essa questão toda de saber.

Não quero abrir polêmica com os fim-de-mundistas, mas acho que cumpro um dever jornalístico inarredável, ao propor que se encete uma campanha para maior seriedade em relação ao fim do mundo. Como baiano, isso até me atinge pessoalmente, porque não faltam os engraçadinhos que insinuam que é porque o Florisvaldo, um alegado anjo baiano que estaria superintendendo o assunto, nunca acorda antes das quatro da tarde, só nomeia conterrâneos para a área de operações e não aparece no serviço nem para assinar o ponto, assina em casa mesmo. Fim do mundo não é brincadeira, é um assunto demasiadamente importante para ser conduzido dessa maneira irresponsável. O Governo precisa fazer alguma coisa. Se perdurar situação tão deplorável, a credibilidade do fim-do-mundismo poderá ficar irreparavelmente comprometida. Conclamo as forças vivas deste país (não tenho bem certeza do que são as forças vivas, mas sempre quis dar uma conclamada às forças vivas e não vou deixar passar a oportunidade) a, se o fim do mundo falhar novamente este mês, sairmos às ruas com as caras pintadas e faixas com os dizeres “Fim do Mundo Já!”. Afinal de contas, basta ler um jornal para ver que está mais do que na hora.

PSICANÁLISE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

JERUSALINSKY, Alfredo e col. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. 2ª ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, 318 p.

O desenvolvimento infantil é um campo com conceitos e idéias provenientes de especialidades bastante heterogêneas. O diálogo entre estas diversas áreas costuma ser trabalhoso, demandando, daqueles que se propõe a articulá-lo, a disposição de percorrer marcos referenciais radicalmente diferentes entre si. *Psicanálise e desenvolvimento infantil* é uma obra marcada por este diálogo, resultante da experiência clínica do autor e seus colaboradores. Na verdade, este livro já tem alguns anos de história traçada, pois a primeira edição, publicada em 1984, em espanhol, e em 1987, em português, em muito tem contribuído para a formação de psicanalistas e terapeutas de diversas áreas, que dedicam-se ao trabalho com a infância. Agora, com esta segunda edição, revista e incluindo uma série de novos textos, é renovada a transmissão desta singular experiência de trabalho.

A história desta experiência é relatada nas páginas iniciais do livro. Ao percorrer diferentes campos do saber sobre a infância – a neurologia, a pedagogia, a psicologia -, a equipe iniciada pela Dr^a Lydia Coriat foi traçando um gradual deslocamento.

Caindo fora da forma tradicional de operar em cada uma destas áreas e, ao mesmo tempo, preservando as contribuições que as mesmas eram capazes de aportar, esta equipe foi orientando seu trabalho através da psicanálise e de todas as implicações éticas que esta comporta. Ao longo da obra, organizada em duas partes, encontramos as formulações teóricas e os relatos originados desta prática clínica.



A primeira parte do livro, intitulada *Questões psicanalíticas sobre o desenvolvimento infantil*, aborda, em seus capítulos iniciais, questões referentes à estruturação do sujeito, sua determinação a partir da ordem simbólica e a temporalidade implicada neste processo. A partir destas considerações, a diversidade conceitual presente no campo do desenvolvimento infantil é orientada através de novos vetores, tomando as funções e sistemas do organismo humano desde seu caráter pulsional.

Enquanto o desenvolvimento é dependente de um processo maturativo, a constituição de um sujeito não decorre do mesmo. A maturação faz limite ao sujeito, porém sem determiná-lo. Jerusalinsky introduz o conceito de permeabilidade biológica ao significante para falar deste limite, desta resistência imposta pelo corpo, por sua imaturidade ou déficit, à inscrição da variação infinita dos representantes do objeto no ser humano. Os acidentes do desenvolvimento impõe obstáculos à estruturação de um sujeito e seus efeitos traumáticos podem colocá-la em questão. Porém, esta estruturação é dependente da simbolização operada pelo Outro, que oferece um lugar para a criança na cadeia significante. O discurso técnico, com indicações vazias de significação, serve, muitas vezes, de refúgio para os pais frente ao real do corpo mutilado de seu filho.

A temporalidade própria à estruturação do sujeito na infância é expressa de forma exemplar no dizer e no brincar das crianças. Jerusalinsky chama a atenção para o modo como as crianças conjugam o verbo enquanto falam nas brincadeiras, dizendo “agora eu era...” Esta singular temporalidade, um futuro anterior, apresenta um agora que não é presente, mas sim futuro, lançando o verbo no passado. Este modo de enunciação aponta para a antecipação da sexualização presente na estrutura, sujeitando a criança a seu futuro. Esta dupla demanda – situar-se como criança e adulto – produz um efeito de duplicação na borda do registro do real, constituindo um espaço onde estão dispostos elementos característicos da infância: a relação dialética do brincar e da realidade, o objeto transicional e a personificação da instância do Outro.

Nos capítulos seguintes, são abordados aspectos do desenvolvimento relacionados à linguagem, à psicomotricidade e à cognição. Em relação ao primeiro destes temas, tomando como ponto de partida os casos das crianças que não falam, Jerusalinsky faz importantes observações sobre a inscrição simbólica que opera entre uma mãe e seu bebê e, mais adiante, caracteriza o modo de relação com a fala e a linguagem na neurose, na psicose e no autismo. No campo da psicomotricidade, trabalha os conceitos de esquema e imagem corporal, trazendo valiosas contribuições da psicanálise aos psicomotricistas. Em relação à cognição, Jerusalinsky trava um interessante diálogo com a epistemologia genética. Interroga a concepção de sujeito proposta por Jean Piaget, diferenciando ato significativo de ação. Diferentemente desta última, o ato traz conseqüências para o sujeito, marcando sua estrutura para sempre.

Um ponto importante desta primeira parte do livro refere-se à direção da cura na clínica de crianças com patologias do desenvolvimento. Mesmo que uma cura vá acontecendo passo a passo, sem um destino prévio a alcançar, alguns momentos típicos se repetem na condução de um tratamento. Estes momentos são trabalhados por Jerusalinsky, que aborda, neste ponto, questões como o desdobramento da demanda, o estabelecimento da transferência e o final do tratamento.

Os capítulos finais da primeira parte da obra falam de pontos centrais para o trabalho com deficientes mentais e crianças psicóticas e autistas. São abordadas questões referentes ao diagnóstico, aprendizagem, educação e integração social. A estruturação da psicose e do autismo é trabalhada a partir da inscrição dos significantes primordiais, conduzindo ao tema da aprendizagem nas crianças psicóticas e da inclusão de crianças autistas e psicóticas na escola comum. Aqui, muitas interrogações presentes na fronteira do educativo e do terapêutico são abertas, compondo uma interseção necessária à abordagem destes campos da psicopatologia.

Algumas páginas são dedicadas ao tema do brincar, onde Jerusalinsky trata dos jogos universais, ou seja, das formas de brincar que possuem a capacidade de promover as articulações necessárias à constituição do sujeito: o *fort-da*, os jogos transicionais e os jogos de bordas ou de queda.

A segunda parte do livro tem por título *Testemunhos e propostas de abordagens terapêuticas*. Aqui, entre outros, encontram-se os textos que trazem as contribuições de uma série de colaboradores, expressando, através do escrito, a riqueza do trabalho interdisciplinar.

O primeiro dos textos – *Quantos terapeutas para cada criança* – tem um caráter histórico, situando o trabalho interdisciplinar no interior da história da psicopatologia e, mais especificamente, da psicopatologia infantil. Neste aspecto, o trabalho formulado em conjunto com a Dr^a Lydia Coriat, a partir de 1973, é um marco fundamental. A partir daí, a série de discursos que compunham o saber técnico-científico são ordenados a partir das situações clínicas concretas, ao mesmo tempo que os efeitos da interdisciplina na clínica com bebês comprovavam as conseqüências iatrogênicas da prática multidisciplinar.

Os textos que seguem oferecem uma série de contribuições à clínica psicomotora, psicopedagógica, fonoaudiológica, de estimulação precoce e neurológica. Em todos eles, o diálogo propiciado pela interdisciplina e o atravessamento das contribuições da psicanálise estão presentes, estabelecendo uma posição ética comum, direcionada à estruturação de um sujeito desejante. Sem dúvida, trata-se de uma obra de interesse a todos aqueles que dedicam-se às áreas que buscam dar conta dos interrogantes concernentes à infância.

Para concluir, tomo uma metáfora extraída do último texto do livro, de autoria de Elsa Coriat, que fala da sensação de “estranhamento” que sentimos em relação ao lugar conhecido, quando chegamos de volta de uma viagem marcante. “Não é necessário viajar para Paris para isto. (...) Às vezes acontece durante uma viagem de ônibus urbano, ou no divã de um analista. Às vezes, lendo um livro. Às vezes, voltando o olhar sobre o caminho da infância.” (p. 331) Esta parece ser uma imagem interessante para falar da leitura de *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Trata-se de uma interessante viagem que, ao remeter o leitor a diferentes paisagens, possibilita apreender o ponto de retorno desde outro lugar.

Gerson Smiech Pinho

AGENDA

JANEIRO - 2000

Dia	Hora	Local	Atividade
03 e 17	20h	Sede da APPOA	Reunião da Comissão do Correio da APPOA
06	21h	Sede da APPOA	Reunião da Mesa Diretiva
06 e 20	20h	Sede da APPOA	Reunião da Comissão de Biblioteca
10	21h	Sede da APPOA	Cartel a Ética Psicanalítica nas Instituições
12	20h30min	Sede da APPOA	Cartel Brasil 500 anos
17	20h30min	Sede da APPOA	Reunião do Fórum
20	21h	Sede da APPOA	Reunião da Mesa Diretiva aberta aos membros da APPOA
21	16h30min	Sede da APPOA	Cartel do Envelhecimento
A confirmar		Sede da APPOA	Seminário "Novos apontamentos para a clínica das psicoses" - Responsável: Alfredo Jerusalinsky

PRÓXIMO NÚMERO

A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Capa: Manuscrito de Freud (*The Diary of Sigmund Freud 1929-1939*. A chronicle of events in the last decade. London, Hogarth, 1992.)

Criação da capa: Flávio Wild - *Macchina*

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

GESTÃO 1999/2000

Presidência - Alfredo Néstor Jerusalinsky

1ª. Vice-Presidência - Lucia Serrano Pereira

2ª. Vice-Presidência - Maria Ângela Brasil

1º. Tesoureiro - Carlos Henrique Kessler

2ª. Tesoureira - Simone Moschen Rickes

1º. Secretário - Jaime Alberto Betts

2ª. Secretária - Marta Pedó

MESA DIRETIVA

Ana Maria Gageiro, Ana Maria Medeiros da Costa, Ana Marta Goelzer Meira, Cristian Giles, Edson Luiz André de Sousa, Gladys Wechsler Carnos, Ieda Prates da Silva, Ligia Gomes Víctora, Liz Nunes Ramos, Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack, Mario Fleig, Robson de Freitas Pereira, e Valéria Machado Rilho.

EXPEDIENTE

Órgão informativo da APPOA - **Associação Psicanalítica de Porto Alegre**

Rua Faria Santos, 258 CEP 90670-150 Porto Alegre - RS

Tel: (51) 333 2140 - Fax: (51) 333 7922

e-mail: appoa@appoa.com.br - home-page: www.appoa.com.br

Jornalista responsável: Jussara Porto - Reg. nº 3956

Impressão: Metrópole Indústria Gráfica Ltda.

Av. Eng. Ludolfo Boehl, 729 CEP 91720-150 Porto Alegre - RS - Tel: (051) 318 6355

Comissão do Correio

Coordenação: Maria Ângela Brasil e Robson de Freitas Pereira

Integrantes: Francisco Settineri, Gerson Smiech Pinho, Henriete Karam, Liz Nunes Ramos, Luzimar Stricher, Marcia Helena Ribeiro, Maria Aparecida Loss, Maria Lúcia Müller Stein e Marta Pedó

S U M Á R I O

EDITORIAL	1
NOTÍCIAS	3
SEÇÃO TEMÁTICA	17
INVENTÁRIO DE SINTOMAS PARA INICIAR O NOVO MILÊNIO	
Alfredo Jerusalinsky	19
ORA DIREIS OUVIR OS SONHOS...	
Mário Corso	23
2001: NOVAS ODISSÉIAS DE EROS E SOLIDÃO	
Jaime A. Betts	27
MAL-ESTAR PRESENTE NO FUTURO	
Robson de Freitas Pereira	33
ENTREVISTA COM ELIZABETH ROUDINESCO	36
SEÇÃO DEBATES	50
FIM DO MUNDO?	
João Ubaldo Ribeiro	50
RESENHA	52
PSICANÁLISE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL	52
AGENDA	56

Nº 76 – ANO IX

JANEIRO – 2000

O OUTRO MILÊNIO